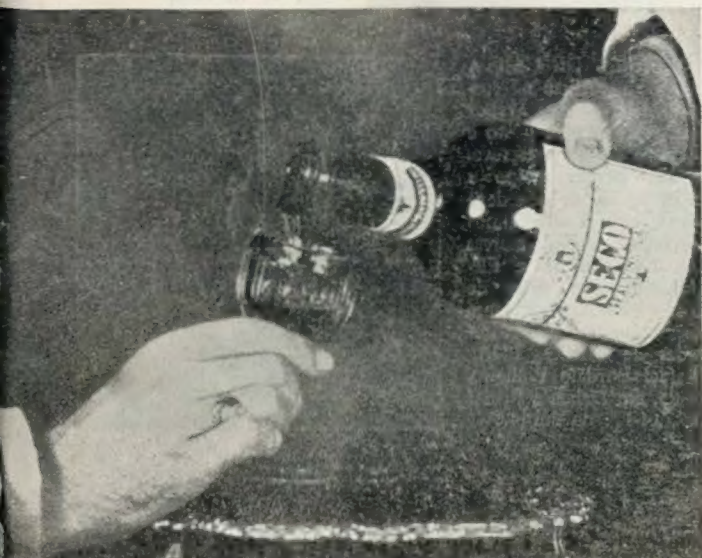
PANORAMA

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL
NEC TEMERE NEC TIMIDE
VINHOS QUE SE IMPÕEM PELO SEU EXCELENTE AROMA E PALADAR
UMA GAMA COMPLETA DE VINHOS QUE A OCASIÃO DISTINGUE ESCOLHE E QUERE
UM VINHO DO PORTO DE CATEGORIA
SECO
SEDE EM GAIA: TELEF. 3478. FILIAL EM LISBOA, RUA DO ALECRIM, 117: TELEF. 2 2556. DEPÓSITO NO PORTO, RUA ENTREPAREDES, 44: TELEF. 2 1440

Aqui se aconselha...

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gosto», para oferecer a alguém de amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a grande variedade de excelentes FERROS ARTÍSTICOS — candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na SERRALHARIA ARTÍSTICA de Vicente Joaquim Esteves, na R. das Amoreiras, 88, em Lisboa.

ESTA fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

O ENXUGADOR «TANK», que já provou indiscutìvelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MECO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

que leia, veja e compre

RELOJOARIA CAYRES é o moderno estabelecimento na RUA DO OURO, 133, onde o público de Lisboa encontra as mais categorizadas marcas de relógios. Mas há mais: Cayres oferece ainda uma oficina que é um verdadeiro laboratório técnico, apetrechado com aparelhagem e ferramentas hoje indispensáveis ao consêrto, afinação e controle da relojoaria de alta precisão, cuja montagem foi superiormente dirigida por um especialista.

HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

TOME nota desta firma e do seu enderêço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

A máscara de beleza *Belle Express*, preparada por SIBILA LIVIA, actua, limpando profundamente os poros de todas as impurezas, aclarando a pele extraordinàriamente, favorecendo a renovação das células epiliais. Tonifica os músculos da face, activando a circulação sanguínea. Elimina as rugas, contraíndo os poros e afina o grão da epiderme. Aplique-a e passados 20 ou 30 minutos o seu espelho lhe mostrará os efeitos.

SÃO INCOMPARÁVEIS
OS MARAVILHOSOS
PRODUTOS DE BELEZA

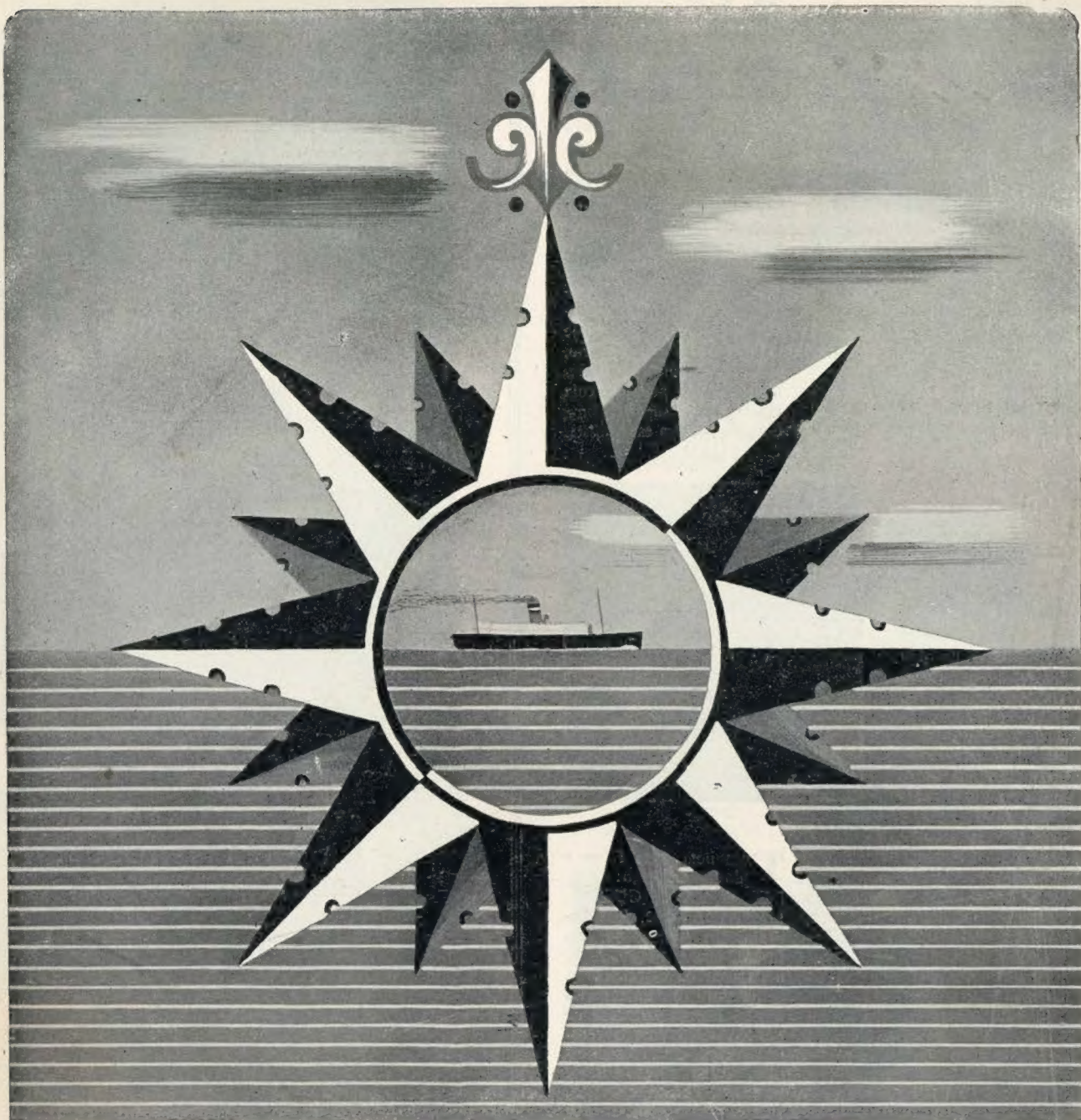
R O S I P Ó R
R O D A L
YILDIZIENNE
O L Y
M Y S T I K

E

RAINHA DA HUNGRIA

M.me CAMPOS

DA ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

AVENIDA DA LIBERDADE, 35, 2.º · TEL. 21866 · LISBOA

J. C. Alvarez L.da
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA
RUA AUGUSTA Nº 207 LISBOA

Aqui se aconselha...

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

SE vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

OUVIR perfeitamente no teatro, na igreja, nas conferências ou em qualquer ocasião é o que permite a todos os surdos o novo aparelho americano de audição TELEX com amplificação ELETRÓNICA. Agente exclusivo para Portugal e Espanha A. MENDES OSÓRIO, técnico em Prótese Auditiva, Av. Almirante Reis, 229, 4.º, esq., Lisboa.

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

que leia, veja e compre

INSTANTA — é a moderna casa de artigos fotográficos na Rua Nova do Almada, 55-57 em Lisboa. Nos seus excelentes e bem apetrechados laboratórios executam-se com a possível brevidade e o máximo cuidado e perfeição todos os trabalhos de fotografia — como: revelagens, cópias, amliações, etc. — sob os cuidados técnicos de pessoal especializado.

A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa.

É bastante desagradável o efeito que produz uma pele de poros dilatados. E tanto mais, quando já não se justifica que se tenha a pele nesse estado. — O uso dos acreditados produtos ROSIPÓR, da Academia Científica de Beleza, veio definitivamente dar completa satisfação no tratamento da dilatação dos poros, a ponto de modificar profundamente o mau aspecto da epiderme. Então, não esqueça: *Produtos Rosipór para fechar os poros da pele.*

Mᶜ CAMPOS

JUVÉNIA, o melhor restaurador da juventude dos cabelos, é um magnífico preparado cujo uso lhes restitui a primitiva côr, quando já grisalhos ou brancos. É, assim, JUVÉNIA um produto de grande valor e utilidade, que também evita a caspa e a queda do cabelo, ao qual conserva tôda a sua vitalidade. O uso de JUVÉNIA não tem o menor perigo. Não mancha a pele, não suja o cabelo e não acarreta as complicações do emprêgo de tinturas mal preparadas.

APRESENTO-ME
Sou o "FAÍSCA"
o seu criado eléctrico
SEMPRE ÀS ORDENS
PUBL. C.R.G.E. LISBOA — TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. M.R. N.º 62272

Esta

é a marca que garante a

QUALIDADE

DESDE HÁ QUASE UM SÉCULO, A MARCA NESTLÉ E O NINHO QUE A SIMBOLIZA, TÊM REPRESENTADO SEMPRE A MÁXIMA GARANTIA DA QUALIDADE

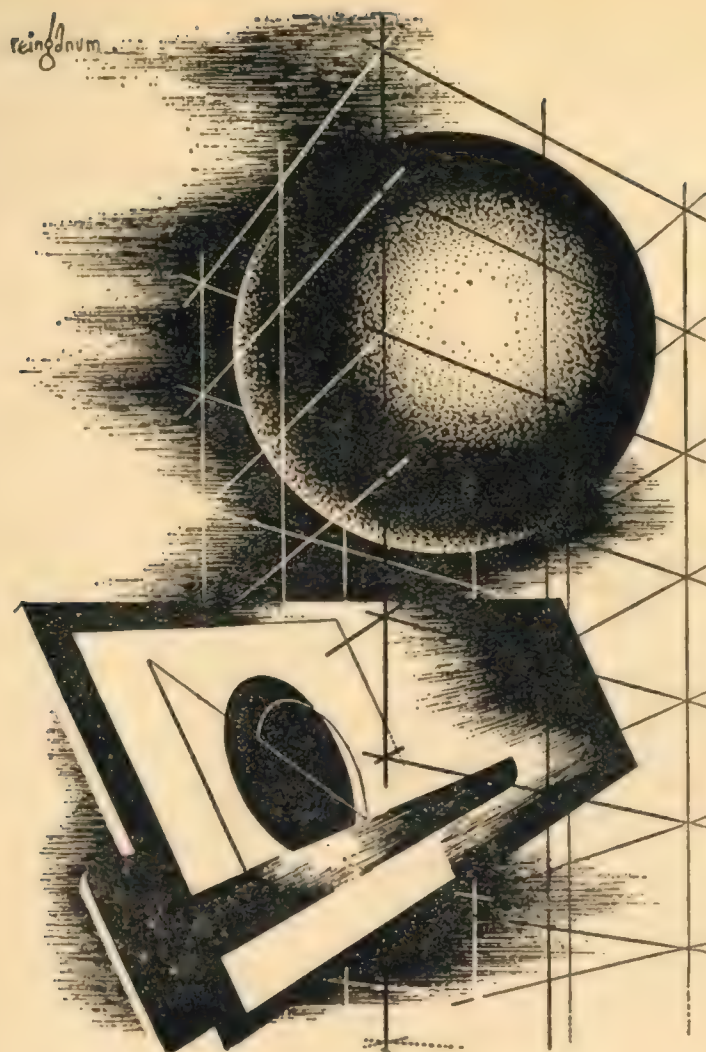
GRAÇAS AOS PRODUTOS NESTLÉ CRIAM-SE MILHARES DE CRIANÇAS SÃS E REBUSTAS, NO MUNDO INTEIRO.

PRODUCTOS **NESTLÉ**

Novamente em 1947 CHEVROLET foi o carro americano de maior venda em todo o Mundo. Durante 12 dos 13 últimos anos em que se produziram automóveis, os automobilistas compraram mais CHEVROLETS do que qualquer outra marca. Deve haver uma razão que explique porque ano após ano se vendem mais CHEVROLETS do que qualquer outro carro. Há realmente uma razão. E' que ano após ano CHEVROLET é, entre todos, o que oferece o rendimento, o conforto, a beleza, a economia e a duração que representam a melhor compensação pelo dinheiro que se gasta.

Consulte hoje o Concessionário Distrital CHEVROLET.

Primeiro em vendas
POR SER O
primeiro em valor

CHEVROLET

NA RECONSTRUÇÃO DO MUNDO...

Apesar de todas as presentes dificuldades, o homem está decidido a procurar uma forma de vida melhor. O mundo precisa de ser reconstruido sob novos alicerces. A Indústria Eléctrica tem portanto um papel importonte a desempenhar... e nenhuma contribuição será maior do que a da PHILIPS. As grandes fábricas da PHILIPS que se encontram espalhadas por todo o mundo, vão procurar desenvolver o progresso realizado no campo da electrotécnica, tornando mais perfeita a sua aplicação na indústria e no lar, para o serviço da humanidade. Novos modelos de rádio; espantoso desenvolvimento da iluminação doméstica e industrial e da iluminação pública; ampolas de Raios X mais perfeitas; melhor equipamento para cinema; aparelhos de medida mais precisos e modernissimos processos de soldadura serão apresentados pela PHILIPS ao mundo e para o mundo.

PHILIPS

A ÚLTIMA PALAVRA... EM FÓSFOROS...

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 45, 1.º - TEL. 2 9311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NUMERO 34 ★ ANO de 1948 ★ VOLUME 6.º

CAPA DE EDUARDO ANAHORY (ESTUDO PARA UMA PINTURA MURAL NO MUSEU DA VIDA E ARTE DO POVO PORTUGUES). — OLEOS E DESENHOS DE: ANTONIO CRUZ, BERNARDO MARQUES, G. DE MELLO BREYNER, G. WOHLWILL, MANUEL LAPA, MARTINS BARATA, MARTINS CORREIA, MEDINA, PAULO FERREIRA, RIBAS POTAU E TOMAS DE MELLO (TOM). — FOTOGRAFIAS DE: HORACIO NOVAES, MARIO NOVAES, PLATAO MENDES E TOM.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 60$00 — Estrangeiro: 85$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua Gonçalves Dias, 62, Rio de Janeiro

Capa: Litografia de Portugal — Fotolitografias. Litografia de Portugal, Fotogravura Nacional e Litografia Amorim — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade

PREÇO 10$00

MALA-POSTA 1948

DE CACILHAS À POUSADA DE S. BRAZ DE ALPORTEL

HÁ muitas maneiras de viajar. Desde o elicóptero ao dorso de camelo, há para todos os gostos. Eu, por mim, gosto da mala-posta.

O combóio aborrece-me. Sair duma estação enfumarada entre silvos agudos e barulhos dissonantes, ser empurrada para dentro duma C.P.-243 estandardizada, espalmar-me ao longo dum corredor estreito atafulhado de pessoas gordas que dizem adeus à janela, sentar-me num banco que me peneira, conscienciosamente, hora após hora, e ser lançada nos braços do meu parceiro da frente cada vez que o combóio pára bruscamente — são coisas que para mim não oferecem grande atractivo.

Andar de camioneta, porém, é outra coisa. O simples facto de embarcar na Flor da Murta *ou na* Andorinha Ligeira, *é já, só por si, uma sugestão de evasão na Primavera. Depois, a camioneta entra na intimidade das terras, passa junto à janela aberta onde o lavrador almoça, cruza com a rapariga que vem da fonte e com o gado que vai para a feira, enquanto que o combóio pára sempre na mesma estação branca, com o mesmo chefe açodado, o mesmo armário cheio de moscas e das mesmíssimas arrufadas. Além disso o combóio tem as suas limitações próprias. A divisão em classes é uma delas. Cada um agrupa-se com os que lhe são afins. E quanto mais se sobe na escala, mais os passageiros se exprimem... para dentro: o de 2.ª classe desvia pùdicamente o olhar e finge ignorar que o seu companheiro ao canto da janela come uma triste sanduíche sepultada num sarcófago de papéis; o passageiro de 1.ª classe ignora simplesmente a existência do companheiro sentado ao canto da janela. Se por acaso os seus olhares se cruzam, ambos se desviam, como se dissessem: «Eu não vi nada».*

Na camioneta, porém, não é assim. Entra tudo, minha gente!... Como nos peregrinos de Canterbury em romagem a S. Tomaz, ali encontramos o estudante de Aristóteles que vai a férias, o padre que tem serviço num extremo da fre-

guesia, o comerciante que volta do mercado e o doutor em leis chamado para uma questão de partilhas. Para nada faltar, até aparece uma mulher de lenço garrido que conta histórias rabelaisianas. E com eles vêm as merendas, os franguinhos assados de saudosa memória, os guardanapos de barras vermelhas, as laranjas douradas e a doce confraternização do «Ora então, são servidos?». Isto, sim, isto é que é vida, tão fresca e natural como a água que jorra das fontes.

E eis pois aqui a razão porque eu parti de camioneta, numa certa manhã de 1948, para as algarvias terras de S. Braz.

Depois duma noite tempestuosa, o dia amanheceu claro. Depressa, porém, começa a toldar-se. Atravessamos na carreira das 8,30. O rio está calmo e os barcos flutuam numa luz verde-oiro, irreal. A cidade vai-se esfumando na neblina e, quase sem dar por isso, chegamos ao centro cultural de Cacilhas... Um quarto de hora para os retardatários tomarem o café e embarcamos na Eva.

Chove. O passageiro detraz queixa-se que da minha janela aberta lhe saltam pingos para o nariz. O homem dos jornais, que vai fazer a distribuição de terra em terra, berra em alta grita. Maus pronúncios para começo. A paisagem está triste, inundada.

Azeitão. — Abre o Sol. As searas verdes brilham; toda a folhagem reluz, carregada de humidade. Dum lado e doutro há urze florida, giestas amarelas, marmeleiros cor-de-rosa, olaias gigantes que parecem bouquets. Numa encruzilhada, sinal de paragem. É uma senhora com um menino, «para fazer o favor de entregar em Faro». O garoto diz à mãe um adeus viril, e de novo a camioneta segue.

Agora há vales verdes onde pastam vacas mansas, e ao longe cumes de montes azulados que se recortam num céu lavado. É a Suíça, aquela Suíça que nós conhecemos através dos bilhetes postais.

Setúbal. — Os vendedores ambulantes invadem o carro com laranjas, bananas, compotas e queijadas. O homem dos jornais diz gracejos às raparigas. Elas respondem. São todos velhos conhecidos. Mas o motorista já está a tocar a buzina. Partimos. Mais uma volta na estrada e dizemos adeus ao rio, de azul metálico, onde passam velas vermelhas e brancas.

A paisagem torna-se severa: Chão arenoso, sobreiros e oliveiras dum cinzento prateado, carregadas de flor. A campaínha toca. Paragem imprevista. Um menino precisa de ir lá fora. — «O senhor tenha paciência...» — «Ora, nan têm dúveda, ele quando é preciso...».

A camioneta recomeça a marcha, lentamente. Há subidas e vai pesada. O homem dos jornais circula pelo interior como uma biblioteca ambulante. — Já leu A Bola? Então pode trocar pelos Desportos. Mas se prefere o Notícias... Quem mais quer ler?» O menino que viaja puxa por 20$00 e pede... o Mosquito.

Alcácer do Sal. — 5 quilómetros. Almoço à vista... O motor faz uma forte arrancada e sobe como uma andorinha. São sempre as grandes perspectivas que dão as grandes arrancadas.

Paramos junto ao rio. O corretor da pensão conduz-nos através duma viela estreita que se pode tocar de lado a lado e que desemboca noutra rua também estreita e sombria. Encontramos tudo pronto. É aquela a estalagem da diligência... A pensão não tem sol, nem luz, nem outras coisas não menos necessárias, mas tem paredes forradas de damasco sintético e retratos de pessoas ilustres, como os seus fundadores. O corrector tira o boné, lava as mãos encarando a assistência, e começa a servir. É mesa redonda; todos se sentam conforme calha; o condutor nem sequer tira a sacola. Come-se a sopa no meio do maior silêncio. Uma sala de jantar, mesmo quando nela passeiam os cães, sempre dá a medida das distâncias. Nisto, a porta abre-se e entra o Padre. É certamente o Prior e hóspede permanente da pensão. (Não está ele ali para mostrar como se deve sofrer por amor de Cristo?). É novo, tem boa figura, ar franco e jovial. Dá umas boas-tardes sonoras que enchem a sala. E está quebrado o silêncio. Trocam-se as garrafas de vinho, os pratos do pão, as costeletas e as laranjas. Uma senhora que percorreu quase meio mundo, conta as suas andanças. (Terá conhecido muitas pensões como esta? — Ela, porém, fala-nos dos Cafres)... Esquecidos dos damascos e dos veneráveis ícones dos antepassados, podíamos ficar ali mais tempo; mas o condutor dá ordem de partida.

Mal acabamos de nos instalar de novo, pergunta o menino que viaja só: — «Onde é que nós paramos para almoçar?». Consternação geral: — «Então o menino?... Mas porque não me disse?». O Sr. Piedade, o condutor, está desolado. — «Ora se o menino tem dito!» — «Não faz mal, volve o menino, com ar de filósofo: eu não tenho fome» — e torna a mergulhar na leitura do Mosquito. *— «Mas não pode ficar assim!». O Sr. Piedade esfrega com vigor uma laranja na perna da calça. — «Tome lá». Era a sua sobremesa, que não teve tempo de comer. E logo ali surgem as sanduíches, as empadinhas, as compotas. — «Coitadinho do menino!».*

Ferreira. — Coração do Alentejo. Eu, que sou duma terra áspera e pobre, preparo-me para ver o solo fértil e toda a riqueza de que os alentejanos se orgulham. Ervidel, Aljustrel, Castro Verde, Almodovar... A camioneta percorre várias ruas da povoação para evitar uma marcha-atrás impossível, e eu, pendurada à janela, procuro entrar na vida íntima daquelas vielas. Desolação! Por toda a parte a mesma casa térrea com uma porta de madeira tosca e duas janelas sem pintura, hermèticamente fechadas, caras de cego vazias de expressão.

MARIA ELVIRA DA CRUZ MONTEIRO

(Continua na pág. II)

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

DOIS PALÁCIOS DE SONHO EM AZEITÃO

A BACALHOA

Azeitão está perto... Poucas regiões devem existir à flor da Terra, que proporcionem ao viajante, num âmbito de escassas centenas de quilómetros quadrados, uma tão fresca e polícroma diversidade de aspectos. Vinhedos, hortas, pomares, olivais, alternam-se frequentemente, numa brincada mutação de formas e cores, em que predominam, afagadas por uma luz macia, todas as tonalidades do verde. Só de quando em vez o perfil austero de altos pinheiros nos força a elevar

Um aspecto da Sala de Jantar

a vista daquela ampla e suave horizontalidade, que tem a sua média de altura como que imposta pelas copas das atarracadas oliveiras multi-seculares. Tudo ali é nítido, amável, repousante. Procurando uma imagem plástica susceptível de sintetizar a impressão visual que esta paisagem nos provoca, ocorre-nos esta: Uma grande folha de alface orvalhada, sob um sol matinal de primavera... Mas, como íamos dizendo: a vila de Azeitão está perto, está pertíssimo. Foi por estes caminhos de encantamento que o mais feliz dos acasos fez passar, há anos, uma Sr.ª norte-americana — Mrs. Orlena Scoville — e a levou a deparar, alguns quilómetros mais longe, com a corroída fachada de um palácio quase totalmente arruínado: a Bacalhoa. Tocado ou não de autêntica magia, o velhíssimo edifício exerceu sobre o seu espírito invulgarmente culto e a sua sensitividade vibrátil um tão forte sortilégio, que logo resolveu adquiri-lo, para o restituir — com o zelo amoroso e raro de quem tanto respeita a beleza formal como a verdade histórica — à sua primitiva traça.

Noutro local (V. a primeira página do *Boletim de Turismo*) insere este número do *Panorama* uma síntese da história e descritivo do Palácio da Bacalhoa. Por agora, o que julgamos de maior oportunidade e interesse, é salientar o inestimável serviço prestado por Mrs. Scoville ao património artístico nacional, salvando de ruína certa um dos mais belos e significativos monumentos da arquitectura quinhentista existentes no País.

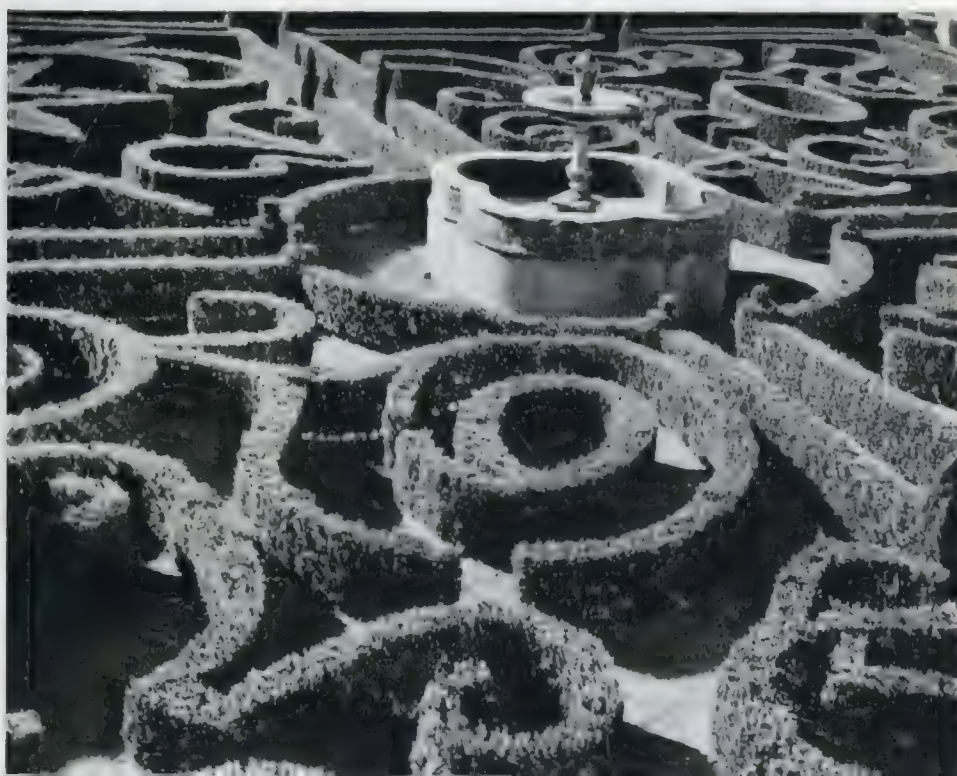
As fotografias que ilustram esta breve nota de impressões, dão-nos uma ideia aproximada da grandeza, da harmonia, da dignidade imponentes do palácio e da quinta, bem como da conta justa de gosto requintado e de conforto dos arranjos interiores e, mesmo, talvez, da atmosfera

A Galeria, com preciosos azulejos policromados no rodapé. — Em baixo: Dois ângulos do interior do Palácio.

poética de que tudo — no conjunto como nos mínimos pormenores — está impregnado, envolvendo e arrebatando o espírito do visitante para um mundo repleto de sugestões românticas; mas o que não pode ser apreensível nas gravuras, é a dedicação, o carinho, a persistência e o rigor

— digamos — histórico-artístico dispendidos, durante anos, por Mrs. Scoville, que desde início orientou as complexas obras de restauro, actuando muitas vezes como operária, especialmente nos trabalhos de investigação e reconstituição dos numerosos e riquíssimos exemplares de cerâmica decorativa, dispersos, partidos e soterrados na quinta e nos baixos do edifício, e agora, em grande parte, por ela repostos, depois de pacientíssimos «puzzles», nos seus lugares primitivos. Visitar este palácio (o que é amàvelmente facultado pela sua proprietária, nos meses de estadia entre nós, aos estudiosos e amadores de arte), constitui, a um tempo, um prazer espiritual e uma lição inesquecíveis. Não há um arranjo de interior, um móvel, um quadro ou estátua, um simples objecto ornamental que não revelem, da parte de quem os realizou, adquiriu e compôs, um gosto exacto, um saber certo, um carácter inconfundível.

FOTOS DE MARIO NOVAES

J. N. R.

A fachada-poente do edifício e um pormenor do jardim.

QUINTA DAS TORRES

Enquadrado na mesma ridente paisagem e a pequena distância da Bacalhoa, encontra-se a Quinta das Torres. O palácio, discretamente oculto por densa e frondosa arborização, é outra das mais importantes jóias arquitectónicas do século XVI que possuímos em Portugal.

Menos estudado do que a actual propriedade de Mrs. Scoville (a que Joaquim Rasteiro consagrou uma exaustiva monografia histórico-artística, publicada em 1895) este magnífico e admirável edifício pertence, desde 1877, à família do Dr. Bento de Sousa, e constitui um valor turístico de «primeira classe». Isto, porque os seus actuais proprietários resolveram facultar ao público — ao escol do público, já se vê — o acesso a uma parte das numerosas dependências — justamente as que, voltadas ao Norte, deitam para um lago maravilhoso — adaptando-as a Casa de Chá e pequeno hotel: dois quartos para casal, confortàvelmente mobilados, com serviço de

restaurante. Adaptando-as, não dizemos bem, visto que os interiores das referidas divisões conservam o carácter íntimo de casa de habitação ornamentada com gosto irrepreensível.

É um ambiente a que pode chamar-se de grande estilo. Nada ali sugere a ideia de hospedagem, no sentido comercial do vocábulo, porque tudo convida o visitante a esquecer a sua qualidade de cliente. Esta iniciativa e, sobretudo, a maneira inteligente e digna como foi realizada, veio, neste sector, enriquecer o turismo nacional com um elemento de atracção importantíssimo, ao nível do que de mais civilizado possa existir lá fora.

O nome de Quinta das Torres tem origem numa das características fundamentais do vasto conjunto arquitectónico: os torreões existentes nos vértices do quadrilátero que formam os seus corpos, tendo no centro um pátio a céu aberto, para onde deita — como se lê no exíguo descritivo do *Guia de Portugal* — «um pórtico bem delineado, encimado por duas pirâmides cujas agulhas sobem muito acima do edifício». O interior está compartimentado em amplas salas harmònicamente proporcionadas, quase todas com tetos de madeira, portas «à romana» e belíssimos azulejos nas paredes. Decorações sóbrias, como impõe a seriedade da arquitectura e do mobiliário antigo que a recheia.

No lado Norte há uma galeria, da qual se divisa um dos mais poéticos trechos de paisagem que se podem contemplar, e que tem como elemento dominante um imenso lago (de 900 metros quadrados de superfície) com um estranho pavilhão em forma de templo, colocado no meio; em volta, as mais variadas e decorativas espécies arbóreas e de plantas de jardim, sobressaindo, a grande altura, a majestosa simetria de duas enormes araucárias. A vastidão do lago permite que a vegetação circundante se reflicta na água, o que, ajudado pelos efeitos da luz coada pelas copas das árvores, dá a este quadro, sobretudo à hora do poente, uma aparência irreal, quase

Um ângulo da Sala--Biblioteca, vendo-se na parede o retrato de D. Catarina de Bragança, pintado por Peter Lely.

UMA DAS FRENTES DA CASA DA QUINTA DAS TORRES E UM ANGULO DO BELISSIMO LAGO PARA ONDE DEITA A GALERIA DA FACHADA-NORTE

Dois aspectos de um dos Salões

de sonho. Raras vezes, como ali, podemos sentir tão pobre e, ao mesmo tempo, tão carregada de sentido, a palavra pitoresco. É na referida galeria (que primitivamente, na autorizada opinião do historiador de Cerâmica Sr. J. M. dos Santos Simões, teria sido aberta, em varanda ou «loggia», tal como a do palácio da Bacalhoa), que se exibem, colocados sobre as duas grandes portas das extremidades, os notáveis painéis cerâmicos reproduzidos nas gravuras ilustrativas deste texto — peças cujo valor escapa à escala das vulgares «antiguidades». Instalados, provàvelmente, quando da construção primititva e quinhentista, estes enormes quadros de louça, únicos no seu género, revelam bem as preocupações renascentistas do fundador da casa, D. Diogo de Eça, fidalgo humanista que ali levou vida de «filósofo antigo», no dizer do cronista da «Casa Real».

Foi o citado escritor Sr. Santos Simões quem, recentemente, identificou as preciosas peças de arte, num importante artigo publicado, em separata, pelo boletim italiano «Faenza» — do *Museo Internazionale delle Ceramiche* — em 1946. Nesse trabalho, intitulado «Panneaux de Majolique au Portugal» (e onde, também pela primeira vez, se aprofunda o estudo da história e dos caracteres arquitectónicos do palácio das Torres, «sem nenhuma dúvida concebido à italiana, tomando como modelo os exemplares mais típicos de meados de Quinhentos»), chegou o Autor à conclusão de que os painéis são provenientes da oficina de Urbino e, verosìmilmente, devidos ao labor de algum dos Fontana — os mais famosos majolicários do estilo chamado «istoriato» — não devendo afastar-se muito de 1570 a época da sua feitura. À beleza intrínseca, sobrepõe-se o seu extraordinário valor artístico-arqueológico, emparelhando com os painéis cerâmicos da Bacalhoa — datados de 1565 — e sobrelevando, em raridade, tudo o que se conhece em pintura cerâmica para aplicação mural. Os quadros apresen-

MAJESTOSA FACHADA DO PALÁCIO DA QUINTA DAS TORRES

A sala de entrada de um dos corpos do edifício

tam-nos duas cenas capitais da *Eneida* de Virgílio: o *Incêndio de Tróia* e a *Morte de Dido*, e foram compostos com o aproveitamento de cartões extraídos de frescos de Rafael e pormenores de Mantegna e Botticelli.

Menos raros, mas igualmente valiosos, são os azulejos que revestem, em rodapé, as paredes da galeria. Nos topos e na parede do lado Sul são paramentos coevos da construção, com figurações polícromas de caçadas e cenas mitológicas; na parede do Norte são já do século XVIII, mas encomendados para imitar os restantes. Foi nesta particularidade, até há pouco desapercebida, que se fixou a atenção visual do Sr. Santos Simões, levando-o à convicção de que a parede onde esses azulejos foram colocados não é da traça original, ganhando, portanto, muitíssimo a arquitectura do palácio com a abertura dos arcos constitutivos da antiga varanda — obra que vai, agora, começar a fazer-se.

A casa da Quinta das Torres detém, assim, uma das mais valiosas colecções de cerâmica ornamental, não só do nosso país, mas do mundo inteiro, sendo oportuno — em justo sentido turístico — assinalar o facto de se encontrarem no corpo do edifício que os seus proprietários dispensaram para as instalações da Casa de Chá e Estalagem de luxo.

FOTOS DE MARIO NOVAES

J. NUNES RIBEIRO

OS MARAVILHOSOS QUADROS CERÂMICOS DO PALÁCIO DAS TORRES: «O INCENDIO DE TROIA E FUGA DE ENEIAS» — PAINEL DE MAJOLICA DE URBINO, (2m, 80 × 1m, 85), ca. 1570 —, E «A MORTE DE DIDO E CONSTRUÇÃO DE CARTAGO» — MESMA PROVENIÊNCIA E DIMENSÕES DO ANTERIOR

UMA BELA ESCULTURA NEO-CLÁSSICA DE TERRA-COTA, QUE OUTRORA ORNAMENTOU O LAGO DO JARDIM DO PALÁCIO DA BACALHOA

FOTOS DE MARIO NOVAES

NAS SALAS DO PALÁCIO FOZ, O S. N. I. APRESENTOU UM BREVE DOCUMENTÁRIO DA OBRA REALIZADA EM 14 ANOS

Ao topo da sala principal e em volta aos escritores estrangeiros premiados com o «Prémio de Camões», figuravam todos os premiados do S. N. I. — Prémios Literários e Artísticos

«A actividade do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo — em que se transformou, há três anos, o Secretariado da Propaganda Nacional — tem abarcado um tão vasto panorama e uma tão larga soma de iniciativas distintas, que se impunha uma breve revisão de conjunto. Por dois motivos fundamentais, além de outros que não vale a pena enumerar: em primeiro lugar, porque só numa visão de conjunto é possível dar a cada pormenor o seu valor — certas coisas só podem ser explicadas e só podem ser apreciadas na sua justa medida pelo confronto com outras, pela harmonia em que todas colaboram; em segundo lugar, porque certas influências muito marcadas em certo momento se diluem com o tempo, se não houver o cuidado de as documentar e de as fixar — passados anos sobre determinada iniciativa, quase ninguém se lembra dela, embora muitos continuem a viver da sua lição ou do seu estímulo. Pareceu, pois, útil — como esclarecimento e como documentação — apontar num rápido esboço o que tem sido a obra do S. N. I. nestes 14 anos de «Política do Espírito».

«É evidente que uma exposição em que se pretendesse documentar *tudo* o que se fez e evocar na sua verdadeira grandeza *todas* as realizações deste fecundo embora curto período de trabalho — assumiria proporções muito diferentes do que se apresentou agora ao público. Nem o tempo nem o espaço sobejavam: reconstituir, por exemplo, certos ângulos dos nossos pavilhões nas Exposições Internacionais ou certos pormenores do Centro Regional, em 1940; exibir o maravilhoso guarda-roupa do «Verde-Gaio»; revelar toda a numerosa documentação dos arquivos; apresentar ao público

Os «Apontamentos para uma Exposição» desenvolviam-se em dois, grupos principais: Informação, Cultura Popular, Acção no Estrangeiro e Rádio (no habitual Salão de Exposições do S. N. I.) e Turismo (nas salas em que ficará de futuro instalada a Agência de Turismo)

A intervenção de Portugal nas Exposições Internacionais de Paris, Nova Iorque e S. Francisco — orientada e realizada pelo S. N. I. — constituiu a revelação de uma técnica e de um estilo portugueses de exposições

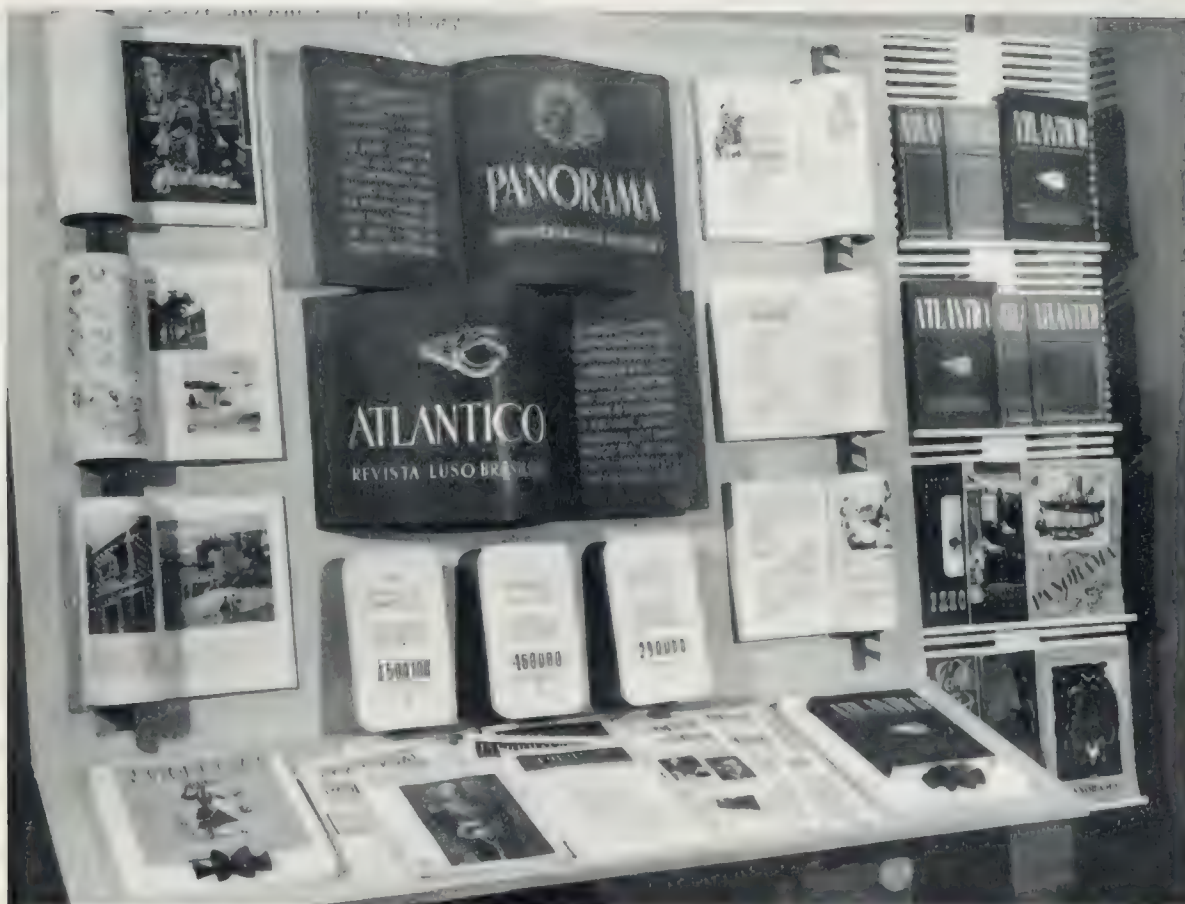
o pitoresco e vasto recheio dos carros do Teatro do Povo — não podia improvisar-se em escassos dias, numa vulgar sala de exposições.

«Houve necessidade, por isso, de limitar as proporções desta revisão, deste panorama da obra do Secretariado, contentando-se despretensiosamente com isto: alinhavar «apontamentos para uma exposição», riscar o ante-projecto daquilo que se desejaria poder erguer. Alguma coisa ficará, certamente, dessa iniciativa, ainda que despretensiosa e modesta: a clara afirmação de uma atitude, de um sistema de trabalho, de um espírito que (embora aberto a todas as discussões) produziu já os seus frutos.

«Até que ponto uma montra bem delineada, a apresentação mais cuidada duma edição, um arranjo de bom-gosto numa casa ou a decoração dum teatro — não terão sido influenciados por esse espírito, não serão um resultado desse sistema de trabalho e dessa atitude? Esta interrogação envolve precisamente tudo o que de imponderável existe numa obra cujos contornos nem sempre é fácil definir mas cujos resultados — concretos e reais — estão bem à vista de todos».

*

Com estas palavras abre o catálogo destes «Apontamentos para uma Exposição» e nelas se justifica e se define o alcance da iniciativa. Espalhados por várias salas os «Apontamentos» abrangiam uma série de pequenos *stands*, cada um deles abordando um aspecto da actividade do S. N. I. Uma simples enumeração dá já ideia da variedade e do volume da documentação: Serviços de Recepção, Serviços de Informação, Publicações Periódicas, Artes Gráficas, Concursos de Montras, Bibliotecas Ambulantes, Cinema Português, Teatro do Povo e para o povo, Bailados Portugueses

A defesa do cinema português (com a produção de filmes, os Cinemas Ambulantes, os Prémios Cinematográficos e a Lei de Protecção) e o problema do livro nacional (com a renovação operada pelas suas edições e a conquista do mercado espanhol através das feiras de Madrid e Barcelona) — têm sido dois cuidados sectores da actividade do S. N. I.

No capítulo das publicações periódicas (em que se incluem vários boletins informativos do mais alto interesse) destacam-se duas grandes revistas: «Atlântico» e «Panorama»

Etnografia e Folclore, Salões e Exposições de Arte, Centenários, Delegação do Norte, Aplicação de Materiais, Exposições no Estrangeiro, Feiras do Livro, Acção Exterior, Festas do S. N. I., Culto do Passado, Intercâmbio Cultural Luso-brasileiro, Prémios Literários, Brigadas Técnicas, Serviços Técnicos, Concurso das Casas de Campo, Montras de Turismo, Concursos de Monografias, Sinalização Pitoresca das Estradas, Tintas e Flores, Concurso das Estações Floridas, Pousadas, reflexos destas na iniciativa particular, Hotéis, «Conheça a sua Terra», Produção Radiofónica, Novos Emissores, Passado, Presente e Futuro, consequências da acção desenvolvida.

*

Este documentário foi realizado sob a direcção de António Ferro, Secretário Nacional da Informação, com a colaboração de todos os serviços do S. N. I., pelos artistas Thomás de Mello e Manuel Lapa e pelo jornalista Eduardo Freitas da Costa.

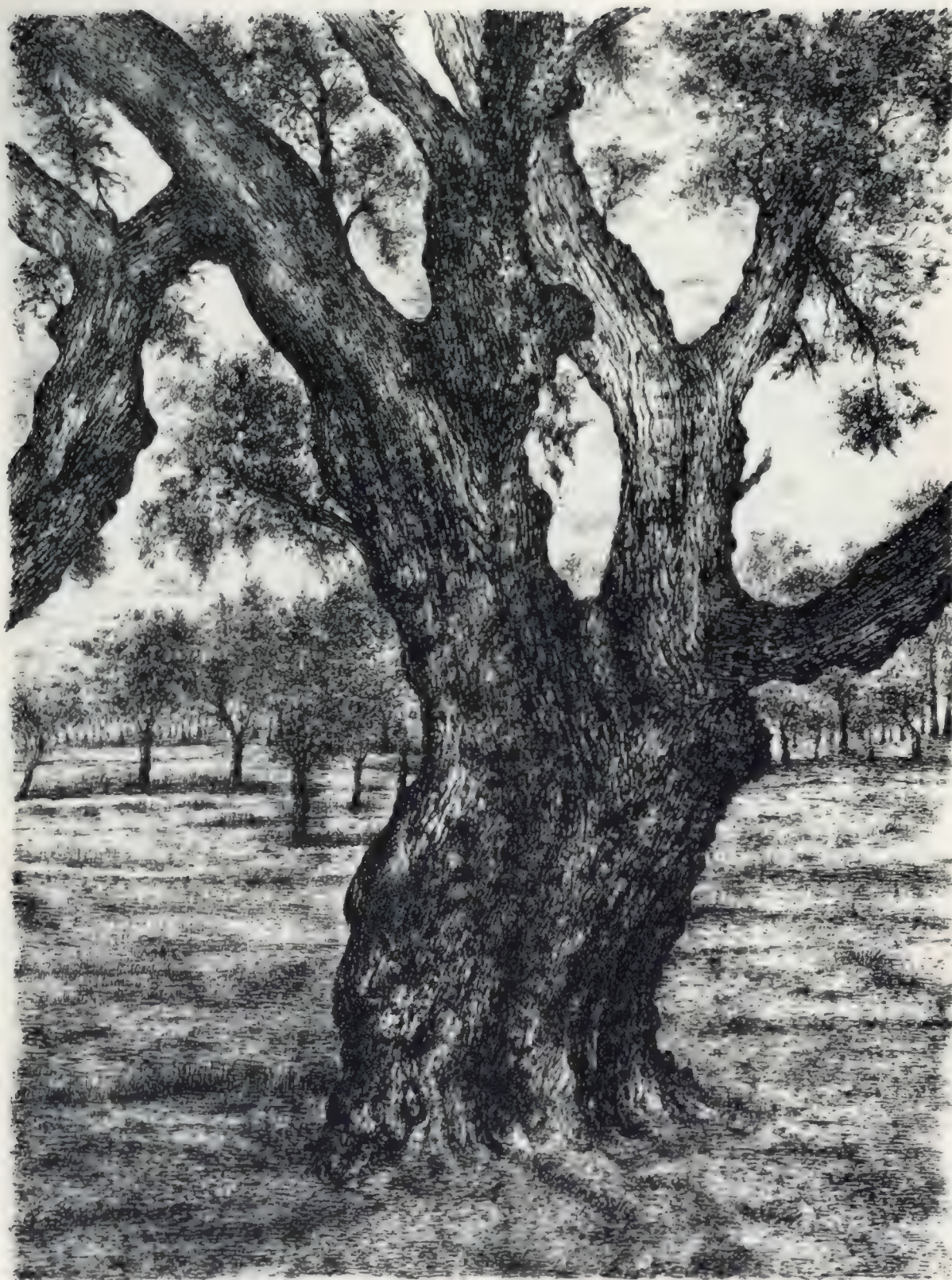
Fotos de Mário Novaes e Horácio Novaes

Tinham a sua indispensável representação nos «Apontamentos para uma Exposição» a defesa do teatro, a campanha de etnografia e folclore, o culto das grandes figuras do passado e a acção da Delegação do Norte

Um trecho de paisagem portuguesa interpretado por Manuel Ribas Potau

OS DESENHOS DE
RIBAS POTAU

LISBOA é terra de surpresas, como todas as capitais onde arribam novidades, actividades, sonhos, empreendimentos, e ilusórias ambições de triunfo, revelando-se ao mundo em legítimos direitos de colaboração. Em Arte, cada dia o imprevisto já não nos espanta: são os curiosos de coisas decorativas; os inventores de modernidades complementares ou subsidiárias de mais categorizadas empresas; os amadores de especialidades; os coca-bichinhos; os pacientes que exploram miniaturais trabalhos que nos deixam aflitos sem saber como classificar as suas habilidades de manufacturas de barcos e altares em miolo de árvores exóticas, espinhas de peixe, laminas de cortiça ou torcidos de arame; os mil artífices de gosto e perfeição nas suas descobertas, enfim, que aparecem, naturalmente, em toda a parte, exibindo os predicados de incontestáveis talentos sem projecção, que os traz apaixonados pela vida fora. Mas há também os artistas de moderada preocupação publicitária, os delicados que fogem à expansão das suas virtudes, os conscienciosos que duvidam das realizações deleitosas nas suas horas e calmas de amadorismo, criando para si e para os íntimos os reflexos sentimentais das ansiedades que os preocupam e os seus corações aplaudem.

É este o caso de D. Manuel Ribas Potau, português de adopção e querido na nossa Sociedade, mas espanhol de origem, que nos intervalos duma existência caprichosa de elegancias e freimas de labor, nos ócios doutros deveres desenha páginas e páginas de albuns sem destino, reproduzindo marinhas, arvoredos e panoramas, colhendo a luz, os efeitos e a majestade da Natureza com firmes

Outro desenho à pena de Ribas Potau, digno de ser fixado em lâmina de cobre

Ribas Potau: Página d'album

e exactos saberes, mas nos quais a imaginação completa o que a verdade crua não diz, deixando ao artista a liberdade dos seus segredos emocionais.

Os desenhos a pena, minuciosos, finos, expressivos e de sábia intensidade nos valores perspectivicos de D. Manuel Ribas Potau, são gravuras romanticas executadas em folhas de papel, que reclamam estilete ou buril para fixação em lâminas de cobre. Dum amadorismo simpático e despretensioso, com resultados técnicos a competirem com os de quem adulterou as suas virgindades visuais e profissionais, são dignos do conhecimento de todos e, por isso mesmo, nestas páginas se arquivam, como documentos de aspectos da terra portuguesa que inspira o seu autor, e que sempre a vê linda e traduz com ternura, quase conseguindo colori-la só com a ajuda de contrastes.

Neste género de desenho a claro-escuro, a tinta da China, a lápis ou a carvão, temos admirado muitos espécimes, que em casas burguesas ou colecções modestas se expõem e ficam ignoradas sem o registo merecido. Algumas dessas paisagens ou marinhas se perderam na multidão das exposições públicas, sem prémios nem criticas, como obra de «artistas do domingo». Pena é que todas não tenham sido arquivadas pela gravura em revistas de turismo nacional, como atestados de sensibilidades humanas e dotadas para a Arte, dadas ao panteismo de liricas poesias, e que ensinassem às almas simples do nosso povo a amar e admirar, com igual singeleza, as árvores, as águas, as núvens e a luz deste Portugal que D. Manuel Ribas Potau agora nos mostra.

A sedução destes desenhos é o melhor diploma que o artista amador e comovido pode ambicionar para novos estimulos. Assim todos aqueles que a cada passo, nesta Lisboa de surpresas, topamos a impor-nos as suas habilidades, o compreendessem e moderassem as publicidades de ingénuo populismo, não confundindo alhos com bugalhos nem passatempos com Arte.

DIOGO DE MACEDO

Um belo desenho de Ribas Potau — artista amador sempre sensível aos encantos da nossa paisagem

OS ÚLTIMOS TRÊS BAILADOS DO

Verde-Gaio

O VERDE-GAIO RENOVA-SE DE ANO PARA ANO E PROCURA VOAR CADA VEZ MAIS ALTO

FOI em 1940, durante o período comemorativo do Duplo Centenário, que os Bailados «Verde-Gaio» se apresentaram, pela primeira vez, em público, sendo já tempo de afirmar-se que esta arrojada iniciativa artística do S. N. I., de indiscutível alcance cultural — e sempre recebida, tanto entre nós como em Madrid e Barcelona, com entusiásticos aplausos e as mais lisonjeiras críticas — lançou as bases fundamentais do «bailado português», criando, do mesmo passo, as condições necessárias para a sua evolução * Decorridos quase sete anos, durante os quais o corégrafo e bailarino Francis Graça, com o impulso do seu talento, o calor da sua sensibilidade e a persistência da sua energia, imprimiu ao grupo os primeiros e decisivos caracteres diferenciadores, o «Verde-Gaio» exibiu-se de novo, no Teatro Nacional de S. Carlos, numa série de espectáculos efectuada em Dezembro do ano passado, com três criações coregráficas dirigidas por Guilherme Morresi * São esses novos bailados os que se intitulam: «Noite sem Fim» — sobre a «Dança Macabra» de Saint-Saëns, com argumento de A. F., — «Festa no Jardim» e «Faran-

FIGURINOS DE PAULO FERREIRA PARA O BAILADO «NOITE SEM FIM», COM ARGUMENTO DE A. F., SOBRE A «DANÇA MACABRA» DE SAINT-SAËNS

EXEC. DA LITOGRAFIA DE PORTUGAL

dole» — com música, respectivamente, dos «Petits Riens» de Mozart e da *suite* de «L'Arlesienne» de Bizet, ambos moldados pelo citado coréografo italiano ★ Os figurinos, cenários e encenação foram desenhados, coloridos e realizados por Paulo Ferreira, talentoso artista que a esta nobre modalidade plástica se tem aplicado devotadamente, evidenciando, de fase para fase, notórios progressos ★ A primeira bailarina do agrupamento continua a ser Ruth Walden, a sensível, ágil e simpática ex-«partenaire» de Francis, que viu agora acrescentado mais um êxito à sua carreira brilhante com a dramática interpretação da *florista* de «Noites sem Fim» e os graciosos recortes das figuras de *Columbina* e *Camargo* na «Festa do Jardim» ★ No elenco de bailarinos — mais numeroso e, como é natural, mais ginastizado do que nas fases anteriores — salientam-se as qualidades apreciáveis de Helena Miranda, Ernestina Moreira, Maria Adelaide, Isabel Santa-Rosa, Sara Antonieta, Dídia Maria e Elisa de Almeida; e de Joaquim Barreiros, Constante Rocha, José Azevedo, António de Almeida, António de Sousa e Fernando Isasca ★ O maestro e compositor Frederico de Freitas regeu, com a costumada probidade, a Orquestra Sinfónica Nacional, que executou, na mesma série de espectáculos, as suas belas criações musicais para a «Dança da Menina Tonta», o «Muro do Derrete» e o «Ribatejo», do reportório de «Verde-Gaio» ★ O Público de S. Carlos teve ainda o ensejo de apreciar e aplaudir a nova coregrafia de Morresi para o bailado «Inês de Castro», com inspirada música de Ruy Coelho e argumento de Adolfo Simões Müller.

Dois momentos culminantes
do bailado «Noite sem Fim»

Três cenas do interessante e colorido bailado «Festa no Jardim»

Dos três bailados de estreia, tão diferentes entre si no espírito e na forma, na coregrafia e na encenação, no ritmo e na cor — havendo que prestar especial justiça ao gosto impecável dos cenários e figurinos, e à técnica, já muito apurada, da iluminação — destacou-se, pela forte densidade dramática, a «Noite sem Fim», verdadeiro *ballet*, na acepção estilística do termo, poética e plàsticamente integrado nas modernas e dominantes correntes da arte e da literatura ★ Num ritmo crescente e perturbante, a feliz ideia do argumento acompanha, passo a passo, até ao trágico desfecho, a índole e a estrutura formal da famosa partitura de Saint-Saëns, em composições e marcas inusitadas de figuras simbólicas, formando-se e desmanchando-se sucessivamente, num amálgama de corpos, gestos, atitudes, saltos e esgares, naquela «dança macabra» de seres infra-humanos... ★ «Restos de vidas falhadas, de sonhos desfeitos, náufragos por vocação ou destino, farrapos com a alma em farrapos; os que perderam tudo numa só cartada, ou lentamente, carta a carta; os que acreditaram demasiado em si próprios, ou não acreditaram nada; enxurrada sombria das ruas sem luz, dos bairros sem nome, aprendizes do Purgatório, almas do outro mundo ainda neste mundo...» — como no belo argumento se diz ★ «Esta é a profissional, a *amorosa* que nunca amou nem nunca foi amada. Essa outra é a louca, doida antes de endoidecer. Aquela é a bruxa da *buena-dicha*, ou da *mala-suerte*. Passa agora a mendiga, talvez mendiga porque nunca deu nada... E a corcunda, corcunda ou apenas vergada ao peso dos seus remorsos. E mais, muitos mais: o poeta sem poesia, ou só com poesia (sabe-se lá...); o bebedo que bebeu muito, que bebeu sempre, porque nunca soube sonhar; o avarento, o mais pobre de todos; o palhaço que foi sempre desbotado, triste, que nunca fez rir ninguém; o *jogador* que perdeu tudo, tudo, até o seu próprio vício... Anda também por ali, entre eles, o coveiro, o seu despachante, que entra também na dança para se entreter, passar tempo, enquanto não chega o fim da noite sem fim» ★ «Vivos? Mortos? Nem o coveiro já sabe. Aquele espectro que também já dança com eles, vindo não se sabe donde, espectro de qualquer alma perdida, transviada, é prenúncio de que a morte não anda longe, de que a sua fronteira é ali, ou por ali...». E, todos procurando em vão esquecer-se do abismo em que tombaram, do abismo que não os esquece... eternos prisioneiros do Diabo — simbolizado num espantalho — «vão-se afundando, desaparecendo, enquanto a manhã se torna cada vez mais clara, nas suas ruas sem luz, nos seus bairros sem nome, na sua noite sem fim...».

FOTOS DE HORACIO NOVAES

JOAQUIM ROCHA E ERNESTINA MOREIRA
NUM INTERMÉDIO DO «VERDE-GAIO»: A «CHULA» DE VIANA DA MOTA

FOTO DE HORACIO NOVAES

FIGURINOS DE PAULO FERREIRA PARA O BAILADO «FESTA NO JARDIM» SOBRE OS «PETITS RIENS» DE MOZART

REPRODUÇÃO EM FOTOLITO FOTOGRAVURA NACIONAL LDA
IMPRESSÃO OFFSET LITOGRAFIA AMORIM

Beira Baixa

CONCURSO DE RANCHOS

FOLCLÓRICOS

Um dia, com surpresa, a cidade descobriu o folclore. Não sabia bem o que era, mas achava o nome pitoresco. E, vai daí, como sucede quase sempre com as modas, resolveu adoptá-lo, sem verificar se lhe ficava bem e sem tratar de estudar o verdadeiro modelo.

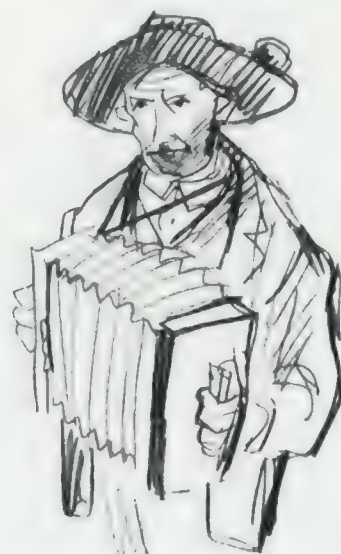
Fez o mesmo que certas senhoras, quando lhes sopram um novo figurino de Paris ou de Londres. Não averiguam se aquilo é trajo de noite ou de passeio, se é aconselhável para as morenas ou para as loiras, para as altas ou para as baixas, para as de linha esguia como os choupos ou para as rechonchudas — que mais abundam neste país de *normotipos*. E o que acontece, sabemo-lo nós todos que encontramos a cada passo a maior lição de desarmonia entre os vestidos e aquelas que os envergam. Outro tanto se dá com o «make-up» feminino, que nos oferece deliciosos contrastes, com as alvas adoptando o «maquillage» mais indicado para as de rosto trigueirinho como a pimenta...

Nas aldeias da Beira Baixa respeita-se a tradição da indumentária regional.

Em Aranhas (Penamacor) e Palvarinho (Castelo Branco) as danças são tão animadas como são francos os sorrisos.

Pois com o folclore passou-se coisa igual. As cantigas, os trajos, os usos e os costumes, conservados religiosamente nas nossas aldeias em toda a sua graça e em toda a sua pureza, deram no goto às pessoas da cidade. Não pediram conselhos, nem estudaram o assunto. Aquilo era bonito, aquilo era falado, aquilo era, portanto, o que lhes convinha. E o que se deu depois, ninguém o ignora: A graciosidade dos trajos e das cantigas foi deturpada, falsificada, nas mil adaptações que a moda originara. Nasceu assim a «estilização», que estava para a verdade original como um frasquinho pretensioso contendo água chilra para a linfa saborosa e fresca da nascente.

Quando o Secretariado Nacional da Informação — ao tempo, Secretariado da Propaganda Nacional — lançou a campanha de defesa do nosso folclore, campanha em que se contam já tantos e tão valiosos capítulos, estava bem longe, decerto, de calcular os riscos que a sua benemérita iniciativa ia correr. Três pontos essenciais caracterizavam e caracterizam este movimento profundamente nacional: a pesquisa, o estudo e a valorização dos elementos da nossa etnografia e do nosso folclore; a vulgarização e a expansão dos melhores valores da nossa arte popular, de forma a constituir com eles, não só um elemento de valorização nacional, mas também um motivo de inspiração para os artistas e escritores; e, finalmente, a conservação, para efeito de estudo de quanto há de verdadeira-

Atitudes e trajos típicos do povo da Beira Baixa

NÃO DEIXEMOS QUE SE ABASTARDEM

O adufe e a pandeireta são instrumentos que acompanham as danças e cantigas mais características da Beira Baixa

mente definidor da vida e da arte do povo português. As diversas exposições de arte popular, em Portugal e no estrangeiro, a edição de numerosas monografias, a realização dos concursos da «Aldeia mais portuguesa» e dos «Ranchos folclóricos», e ùltimamente — nestas páginas documentado com felizes instantâneos de Tom — o «Concurso dos Ranchos da Beira Baixa», foram afirmações brilhantíssimas do mérito dessa cruzada. Todos nos recordamos ainda da maravilha de bom-gosto que era o «Centro Regional» na Exposição do Mundo Português. Ali estava, realmente, o povo da serra e da beira-mar, na permanência das raízes tradicionais que são aquelas que podem dar as mais belas flores. Como coroa de toda essa actividade, teremos em breve a inauguração do Museu da Vida e da Arte do Povo Português, que

OS NOSSOS VALORES FOLCLÓRICOS!

Em dias de romaria não se vêem bocas fechadas, nem expressões que não traduzam alegria de viver.

será uma realização única no seu género em toda a Europa. Mas não basta olhar para estas obras. É preciso saber ver. E só assim evitaremos o espectáculo confrangedor, embora cómico, de certos bailados ou de certos trajos que se exibem nos palcos de *revista*. E só assim deixaremos de assistir à humorística apresentação de ranchos que, pretendendo ser folclóricos, mais não são do que deploráveis deformações. Dizia-nos, há dias, um ilustre médico, que sabe exercer a sua profissão como um sacerdócio, que há um abismo profundo entre o «bom» e o «bonzinho». Do mesmo modo, temos de proclamar que nada há mais contrário

Sempre que há festa nas aldeias da Beira Baixa, todo o oiro sai das arcas para brilhar à luz do sol

ao folclore do que as estilizações alambicadas que para aí se estadeiam por vezes. Imagine-se o que sucederia se alguém pegasse numa flor dos nossos campos, a recortasse, e vertesse sobre ela umas gotas de «Houbigant»... Pois é o que pode acontecer ao folclore, se houver quem teime em transformar as puras canções regionais em «slows» ou «marchinhas», e substituir por sedas ou «organdis» os linhos e as chitas dos trajos populares.

FOTOS E DESENHOS DE TOM

ADOLFO SIMÕES MÜLLER

«O GOLFINHO»

COM esta sugestiva palavra, tão evocadora das bizarrias marinhas, se apresenta um pequeno mas distinto hotel do litoral, digno de referência pelo bom-gosto com que se valoriza.

Normalmente, as casas destinadas a recolher hóspedes, ainda não há muitos anos, batiam o «record» daquelas más qualidades que PANORAMA tem combatido denodadamente: mau-gosto, deficiente higiene, incomodidade. Mas a «Campanha do Bom-Gosto» alguma coisa conseguiu, é indiscutível, tanto pela divulgação dos princípios que devem reger essas casas, como pelo exemplo dado nas «Pousadas» do SNI.

Como resultado desse esforço inteligente, temos, entre outros, o caso do Golfinho, modesto hotel de Leça da Palmeira, situado em desafogado local, donde abarca, amplamente, a simpática e clara praiazinha nortenha.

É com satisfação que nestas páginas se incluem alguns aspectos do interior do Golfinho, pois do exterior não resará a história, a não ser pelo facto de demonstrar que não é necessário um edifício construído propositadamente para se poder instalar, embora com modéstia, mas cheio de bom-gosto, um hotel francamente acolhedor.

E, assim, ou o leitor fantasia, o mais à sua vontade possível, a estilização arquitectónica do animal de que as tradições clássicas e lendárias tomaram conta, e que deu nome ao novo hotel, ou, então — e isto é que é de aconselhar — não se interesse por isso, pois se trata de uma casa vulgar, burguesa, no sentido anti-estético do termo, sem nada a recomendá-la, a não ser a localização já referida e de que tiram bom proveito as suas janelas abertas para panoramas de encantamento.

Se a empresa é modesta para ter levantado construção especializada, também isso não é obstáculo para que se não possam apresentar ao público esclarecido de nossos dias, um hotel, pousada, pensão ou simples casa de hóspedes, dentro de moldes agradáveis, com critério lógico no aproveitamento da planta, senso estético na decoração e atenção acurada quanto aos requisitos higiénicos. Interiores pintados a branco e em tons lisos e neutros aqui e além, trazendo ao aconchego de salas e quartos a mesma claridade da praia, do mar e do sol!

É uma casa que transpira frescura da própria cor ambiente onde se destacam os perfis dos móveis escuros, cortados em linhas inspiradas no mobiliário rústico do nosso século XVII.
Alguns corações vasados nas cabeceiras das camas e nos espaldares das «cadeiras de bacalhau»; pequenos frisos com loiça dos oleiros de Barcelos, inconfundível na decoração dos seus amarelos quentes, de mistura com outros exemplares policromados, de mais modesta tradição, mas da mesma origem; cobertas de chita estampada, nas camas; e outras coisas menores, mas tradicionais, dão um ar simpático, acolhedor, discreto, mas digno na sua simplicidade, que vai até aos pertences da iluminação, acertadamente escolhidos em ferro forjado.
Mas tudo isto comedido, equilibrado, sem exageros de estilização, estultos e ridículos, a quererem passar pela virtuosidade da nobre arte popular.
Sòmente o preciso para esquiçar, nitidamente, em nossos sentidos, uma impressão de que estamos confortàvelmente instalados na nossa casa... portuguesa!
Desde a entrada — onde num canto se acomoda um pequeno botequim — à sala de comer e aos quartos, a estalagem Golfinho é uma demonstração da «vitória do bom-gosto».

RUY TELLO

Dois aspectos do interior da estalagem «Golfinho», em Leça da Palmeira.

FOTOS DE PLATÃO MENDES

DUAS GRANDES EXPOSIÇÕES NO S. N. I.

SALÃO DE LISBOA ★ 1947

SEGUNDA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE AGUARELA E DESENHO

A nova e mais ampla sala de exposições do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo — agora instalado, como se sabe, no Palácio Foz — foi inaugurada com o «Salão de Lisboa», integrado nas festas comemorativas do Oitavo Centenário da Capital.

Mais de uma centena de obras de pintura, escultura, aguarela, «gouache» e desenho, inspiradas em motivos lisboetas, atraíram ao novo estúdio dos Restauradores, durante os meses de

Trabalhos do pintor Manuel Lapa e do escultor Martins Correia — ambos premiados nas duas exposições do S. N. I.

Oleo de Luciano Santos, que obteve o Prémio de Pintura no Salão de Lisboa

Outubro e Novembro do ano passado, muitos milhares de visitantes. Desde os mestres Columbano e Malhoa até aos mais audacïosos intérpretes, tanto nacionais como estrangeiros, das modernas correntes da expressão plástica, ali estiveram representados, senão todos — o que seria impossível — os principais artistas que a partir da época romântica se enamoraram dos encantos formais e crómicos de Lisboa. Os propósitos do certame foram claramente expressos num discurso inaugural, proferido pelo Sr. Diogo de Macedo, director do Museu Nacional de Arte Contemporânea, que fez, entre outras, as seguintes interessantes afirmações:

«A Arte não tem idade — disse não sei quem. Não tem idade, mas tem tempo, e por conseguinte, na História, esse tempo foi, é e será sempre moderno, porque é inconcebível à verdade de quem sente a Arte — a qual nasce permanentemente evolutiva ou transfiguradora — nela ver outra coisa senão novidade; isto é, expressão de actualidade no tempo. A que ora aqui vedes é, por conseguinte, natural e lògicamente, de hoje, porque toda a Arte no tempo é intemerata confissão colectiva de gerações no período em que ela surge, através de razões e mensagens individuais, visto cada quadro e cada estátua serem bruxedos de afirmações de determinadas e privilegiadas sensibilidades, actuando no sentimento colectivo. A Arte é a crónica dos povos escrita em milhares de páginas. Cada uma destas deve ser continuação, e nunca repetição, porque cada uma foi visionada e interpretada do drama humano ou das revelações da natureza, sempre escrita em sua época, sempre com a mesma virtude de originalidade nos entusiasmos de transformação, sempre, portanto, viva, embora chocante por vezes, numa linguagem a que chamaremos de modernidade.

Desenho de Paulo Ferreira e óleo de Tomás de Mello (Tom), expostos e premiados no Salão de Lisboa

O Prémio de Aguarela do Salão de Lisboa foi conquistado pelo artista Martins Barata

«Aqui dentro estão, representando Lisboa, algumas dessas modernidades: as de ontem, nesta Sala evocativa dum ambiente lisboeta, pelo génio dos artistas dos finais do século XIX, e as que se lhe seguiram nos inícios deste, assim como a da hora presente, que foi surpreendida pela maioria dos artistas nacionais e estrangeiros, que enchem estas salas com as suas declarações. Cada quadro em si, representando a verdade — a novidade plástica dos seus tempos — vos explicará aos olhos e, depois, à emoção, aquilo que Lisboa teve para contar aos seus autores e estes quiseram contar-no-lo a nós».

* * *

No mesmo estúdio, efectuou-se, a seguir, a 2.ª Exposição Nacional de Aguarela e Desenho, na qual os nossos artistas modernos puderam evidenciar os indiscutíveis progressos alcançados, nos últimos anos, no amoroso cultivo destas modalidades, até há pouco, à míngua de estímulo, quase totalmente descuradas.

Em Arte, a competição desinteressada é impulso criador mais forte do que a certeza de proventos. Quem já sabe que tem onde possa expor, periódica e pùblicamente, os produtos da sua vocação, e que esses serão confrontados com outros de alheia autoria, aplica-se e esmera-se no trabalho.

Os benéficos resultados do estímulo dado pelo S. N. I. aos nossos desenhadores e aguarelistas, ficaram bem patentes neste Salão, onde se destacavam pequenas obras de boa classe — e que foram, por isso mesmo, justamente premiadas.

A. N.

Os prémios «de José Tagarro» e «de Francisco de Holanda», da 2.ª Exposição de Desenho e Aguarela do S. N. I., foram atribuídos, respectivamente, aos artistas António Cruz e Gretchen Wohlwill

Retrato de Gonçalo de Mello Breyner, por Medina

GONÇALO DE MELLO BREYNER

ALGUNS TRAÇOS DO SEU PERFIL

POSSUÍA um conjunto raro de grandes qualidades morais, e era, como artista, extraordinàriamente bem dotado: tinha a sensibilidade requintada e ampla, e uma cultura de qualidade e de ecletismo verdadeiramente excepcionais. A sua elegância natural, feita de singeleza e distinção — no trato e nas atitudes, na maneira de vestir e em tudo quanto saía do seu espírito e das suas mãos — reflectia sempre uma personalidade cativante, leal, encantadora, de um homem de sociedade, mas de eleição, bem diferente do tipo convencional e do que ele pode sugerir de simulação e acatamento servil a certas normas discutíveis, ou mesmo inaceitáveis.

Fachada dum solar cor-de-rosa. Aguarela do Artista.

Maquete de um «Casalinho» — A fachada interior duma casa construída em Lisboa, sobre projecto do Artista. Aspecto da sala-de-estar e «atelier» da casa de Gonçalo de Mello Breyner.

O que mais atraía neste Amigo exemplar, era a excelência do seu carácter: a nobre humildade e a cristã resignação dum Franciscano, postas à prova na espantosa coragem com que sofreu, durante longos anos, as dores físicas e morais, e também na constância com que diligenciava, por todas as formas, aliviar o sofrimento alheio. Era essencialmente justo, discreto e generoso. Entre tantas faculdades invulgares que o distinguiam, houve duas que Gonçalo de Mello Breyner foi sucessivamente desenvolvendo e aperfeiçoando, com o melhor conhecimento e a mais provada experiência da vida: a de admirar e a de perdoar. Firme nas suas convicções, não alimentava, todavia, nem suportava nos outros a intolerância, religiosa ou artística, política ou social. De sensibilidade e espírito crítico aptos para julgar as mais variadas manifestações estéticas, procurava sentir e compreender a obra d'Arte relacionada com o meio e a época em que forá produzida, e a corrente em que estivesse filiada. Tudo, em Arte, lhe interessava, desde a Poesia ao Drama e ao Bailado, desde a Música ao Cinema — e os vidros, as louças, as gravuras, os móveis, os tapetes, os ferros. Preferia, no entanto, a graça ingénua dos Primitivos: os frescos, as tábuas, os vitrais e as xilografias de inspiração me-

Uma casa de habitação na Figueira da Foz.
Arquitectura de Gonçalo de Mello Breyner.

dieva e bizantina. Não podendo ser o coleccionador que ambicionava, contentava-se, como bibliófilo esclarecido e de bom-gosto, com as espécies da sua escolhida biblioteca. Nunca os seus amigos o visitavam, que o não encontrassem a folhear amorosamente um livro ou uma revista, a catalogar e a arrumar as suas reproduções d'Arte, ou deleitando o seu apuradíssimo ouvido na audição dum bom trecho musical.

As tristes e duras provas a que o Destino o submeteu, não lhe abrandaram a fé nem lhe diminuíram o optimismo. E conservou até ao fim, mesmo quando a doença mais o atormentava, a fina ironia e a invenção espirituosa. Muito embora, como arquitecto e decorador, não tivesse podido levar a cabo tudo quanto sonhara e projectou, foi um dos artistas portugueses mais notáveis da sua geração; e teria sido, creio bem, pela vocação e cultura, pelo gosto e consciência, o que melhor realizaria, na sua especialidade, a aspiração e o programa que Lopes Vieira sintetizou naquela sua frase inspirada: — «Reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu». O grande desgosto de não ter efectivado, à míngua de saúde e de propícias condições do meio, a obra que idealizara, levou-o a fazer-me, nas vésperas da morte, esta sincera e profundamente amarga confissão: — «Tu ficas cá para dizer que eu morro envergonhado pelo que podia ter feito e não fiz».

Levou consigo uma saudade imensa de pessoas e coisas belas que muito amou, deixando-nos — aos que deveras o estimaram — o sentimento doloroso do Amigo insubstituível que se perdeu, mas que, pelas suas altas virtudes, nunca mais deixamos de ter presente no espírito e no coração.

LUIS REIS SANTOS

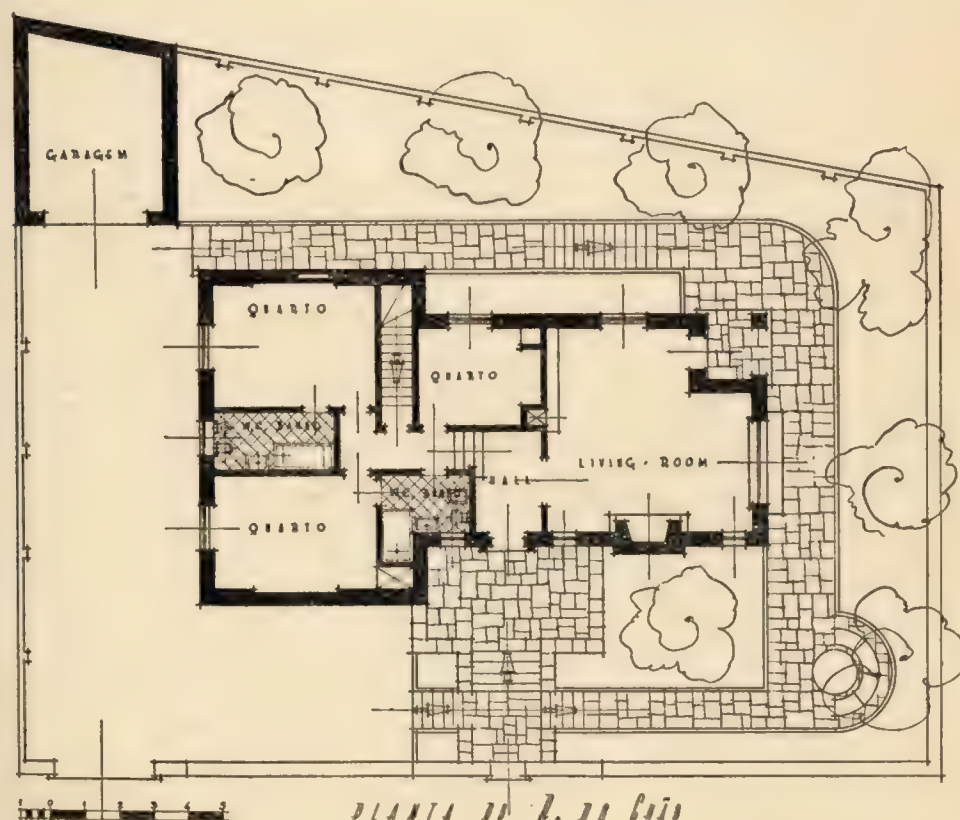
A OBRA DE G. DE MELLO BREYNER

PELO

ARQUITECTO JORGE SEGURADO

É delicadíssimo, para um Arquitecto, vir a público falar da obra de outro Arquitecto. É duplamente delicado quando, além disto, se trata de um Amigo — um querido, nobre e leal Amigo — morto recentemente.

A boa amizade; a bela e sadia camaradagem; a soma de gratas recordações dos tempos risonhos e ligeiros da Escola de Belas Artes em viva convivência; os ditos de espírito apropósito dos nossos trabalhos e as anedotas; as apreciações do concerto ou da peça a que assistíramos na véspera; as animadas cavaqueiras no «Martinho» ou na «Brasileira do Chiado»; a formidável e nunca ultra-passada impressão dos *Bailados Russos* em Lisboa (1917!), com a sua consequente e benéfica revolução nos espíritos a par de frescas ideias criadoras; as teorias anti-académicas em plena e

Uma das plantas dum prédio de habitação construido na Figueira da Foz sobre projecto de G. de Mello Breyner

acesa discussão do racionalismo na Arquitectura e os *chumbos* seus derivados...; as exposições e as conferências de vanguarda; a vinda a Lisboa de Marinetti; a agradável e útil convivência dos da Arquitectura com os da Pintura e da Escultura... dão-nos, através de toda esta saudosa pasta de impressões cheias de cor e de vida, sempre, imprescindìvelmente — no seu lugar — a franca e alegre figura do «nosso Gonçalo».

Falar da sua obra, é, antes de tudo, falar de bom-gosto. Perdôem-me o pleonasmo, dizendo-lhes que ele foi um Arquitecto de bom-gosto. Nasce assim. A sua educação e o ambiente de vida dos seus e das suas relações de sociedade fizeram o resto. Porém, como se isto não chegasse, além da bagagem da Escola, lá estavam ainda os seus muitos e queridos livros e revistas a regalar-lhe o espírito e a dar-lhe conselhos.

O caso do Gonçalo de Mello Breyner afigura-se-me curiosamente típico e invulgar, porquanto, baseada a sua sensibilidade no bom-gosto, ele professou sempre, em digna independência e isenção, um *espírito novo* desempoeirado, abraçando as teorias de Le Corbusier e de Walter Gropius com veneração e aplauso; todavia, não deixando nunca de manifestar aquele bom-senso e aquela calma de apreciação num certo e determinado grau de sensibilidade portuguesa... Por outras palavras: o Gonçalo apreciava também, justamente, as obras portuguesas ou estrangeiras do passado, desde que fossem belas, mas sem pieguice ou fraqueza crítica.

Eu julgo que estivemos nisto sempre de acordo: *Numa obra de Arte, o que interessa é ela própria; a sua data é ponto secundário, é estudo.*

Em toda a sua obra de Arquitectura e de Decoração, a sua fina sensibilidade deu-lhe sempre uma unidade coerente e certa.

Atestam isto os dois prédios de rendimento da Companhia do Lobito, em construção; as casas de residências uni-familiares que projectou — por exemplo, para a Granja e Figueira da Foz, racionalmente distribuídas e graciosamente erguidas; os seus trabalhos notáveis da Exposição de Belém, em 1940, no núcleo colonial a que presidiu e de que deu boa conta profissional, quer no *Museu,* quer nos *Pavilhões de Caça* e da *Guiné* — tão plenos de carácter — e ainda no *Padrão Simbólico;* a graciosa adaptação do pequeno prédio de residência de uma das suas Irmãs, no Largo de Santa-Marinha, em Lisboa; todos os arranjos decorativos introduzidos por esse País fora em hotéis e pensões, como Arquitecto da Brigada do S. N. I.; o Projecto do grande *Seminário das Missões Franciscanas,* a erguer em Carnide, e o *Casalinho,* minúscula Pousada, traçado para o Secretariado e a todos os títulos notável; e, finalmente, além de tanto Projecto e de inúmeros estudos feitos *para a gaveta,* (lembra-me agora o de um solar cor-de-rosa, saborosíssimo, *à portuguesa do Gonçalo...*); cito a livraria do Dr. Fernando Tavares de Carvalho, esplêndidamente resolvida e realizada e, muito em especial, a sua própria sala-de-estar, aos Caetanos, com o seu recanto de trabalho, no seu ambiente predileto, visto ao espelho da sua alma — com os seus livros, os seus quadros preferidos e os retratos queridos, o seu amigo fogão e o grande mapa antigo e decorativo quase enchendo uma parede...

TURISMO

BOLETIM BIMENSAL

EDITADO PELO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

O PALÁCIO E QUINTA DA BACALHOA, *em Azeitão, formam só por si um monumento artístico da mais alta significação em Portugal.* É como principia a excelente monografia de Joaquim Rasteiro, publicada em 1895, e a que se faz referência no breve artigo que ao assunto se dedica no presente número de «Panorama».

Misto de arte florentina e de reminiscências mouriscas nas suas curiosas cúpulas de gomos, a arquitectura majestosa do Palácio foi atribuída a Andrea Contucci — o Sansovino —, asserção que não é contestada nem plenamente aceite por J. Rasteiro, limitando-se este autor a secundar o ponto de vista que Ramalho Ortigão lhe expressara, numa carta: — «Quem quer que fosse, o arquitecto era de primeira ordem; há detalhes que revelam mais do que um simples talento: têm uma palpitação de génio». E o monógrafo acrescenta: «A Bacalhoa será, talvez, a edificação em que se estreou em Portugal o estilo arquitectónico da Renascença, estreia de transição, dando-se de mão à ogiva e quanto lhe era ligado. Nada tem do *manuelino*, que ainda não era criado, mas também não obedece a qualquer estilo puro. O Palácio é *sui generis*».

Construído no último quartel do século XV, esteve primeiramente na posse da infanta D. Brites, mãe de D. Manuel I; foi adquirido, em 1528, por Afonso de Albuquerque filho, que lhe introduziu grandes reformas; mais tarde foi parar à casa Mesquitela, depois foi pertença do rei D. Carlos, passou em seguida a ser propriedade do Sr. Raul Leitão, e finalmente, como já sabemos, de Mrs. Scoville. Conhecido por vários nomes, acabou por fixar-se no de Bacalhoa, desde que pertenceu (1609) a D. Maria de Mendonça e Albuquerque, casada com D. Jerónimo Manuel, o *Bacalhau*.

O monumental conjunto, que foi sofrendo, como é natural, no decorrer dos tempos, diversos restauros e modificações, está construído no ângulo S. E. duma cerca com a área aproximada de 4 hectares, com cubelos de espaço a espaço representando a via-sacra, e dividida, de E. a O., entre a *casa da India* e *das Pombas*, em dois terraplenos. (V. «Guia de Portugal», Tomo I, Pág. 622). O do N., mais baixo, era no século XVI um parque; o do S., onde se ergue o Palácio, é muito mais aprimorado, e nele se encontra a grande riqueza cerâmica da Bacalhoa, trazida pela reforma do Albuquerque.

No ângulo SO. há um grande tanque, que servia para a rega dos pomares e jardins, e onde se erguem — na parede S. — as *casas de prazer*, com quadros de azulejo de rara beleza, como a *Querela dos Lapitas* e *Suzana no banho*, este último datado de 1565.

Na parede O. sobre o lago, vêem-se quatro *medalhões* maiores e de mais alto relevo, no género dos Della Robbia. Estes e outros preciosos painéis decorativos, (em grande parte escrupulosamente restaurados pela actual proprietária da Quinta), colocados no exterior e dentro do edifício residencial — como os do rodapé das paredes da galeria, tão lindamente desenhados e coloridos — levaram os especialistas de cerâmica a considerar a Bacalhoa como um verdadeiro museu do azulejo, que só tem rival no paço de Sintra.

Assim mesmo, optam alguns pelo maior valor daqueles, estabelecendo Watson o seguinte confronto: «O paço de Sintra possui, porventura, a mais bela colecção de azulejos mouriscos, na técnica e no desenho; mas poucos, talvez nenhuns, ali se encontrem em que, mantendo-se mourisca a técnica, o desenho seja já ocidental.

TURISMO NACIONAL

AQUILO QUE JÁ SE FEZ NÃO DÁ O DIREITO DE DIZER QUE FALTA TUDO

DISCURSO DE ANTÓNIO FERRO NO ENCERRAMENTO DAS REUNIÕES DOS REPRESENTANTES DAS JUNTAS E COMISSÕES DE TURISMO, NO S. N. I.

De quando em quando, com mais insistência no Verão, na época balnear, época própria também pela falta de assunto, aparecem neste ou naquele jornal, nesta ou naquela conversa, comentários geralmente bem intencionados sobre as fraquezas e deficiências do nosso Turismo, com aceradas críticas, às vezes claras, outras mais veladas mas não menos duras, aos serviços oficiais de turismo. [...]
É certo que falta muito, quase tudo, *mas aquilo que já se fez não dá o direito de dizer que falta tudo* e devia merecer o respeito, até a justiça daqueles que poderiam compreender ser impossível, por enquanto, fazer mais, ir mais longe, por defeitos da nossa orgânica, com base no Código Administrativo e por falta de recursos materiais, inexistentes se os compararmos com os países mesmo *pobres* que pretendem *enriquecer*, justamente, em parte, com o desenvolvimento do seu turismo. As próprias críticas justas, aquelas, por exemplo, que se referem aos serviços deficientes dos hoteis, até dos bons hoteis novos, à ausência de actividades de certos organismos locais de turismo, pode responder-se ainda com a existência destes dois males fundamentais: estrutura defeituosa e falta de recursos bastantes para se estabelecer um *plano de turismo* com princípio, meio e fim. Com a actual orgânica, efectivamente, e as actuais verbas, pouco mais se pode fazer do que vegetar e ir fazendo o que for possível, à espera de melhores dias e mais viva compreensão do problema, não por parte do Governo, que tem provado que o sente (como o demonstra a grandiosa obra do Ministério das Obras Públicas na parte que favorece o Turismo), mas por aqueles que em vez de nos criticar deveriam antes criar o ambiente para que não se considerassem inúteis, supérfluas, sumptuárias, as verbas que fosse necessário inscrever no orçamento para que se estabelecesse e realizasse esse tal plano a *sério*.

SÍNTESE DA OBRA REALIZADA

Assim mesmo, chega a ser milagroso aquele muito que já se conseguiu fazer com o nosso pouco. E estabeleçamos, desde já, para método da nossa exposição, o sumário das actividades do S. N. I. em matéria de turismo, a síntese do nosso esforço que somos os primeiros a reconhecer humilde, modesto, pelas razões já apontadas:

1 — Criação de uma *consciência* turística, com o reconhecimento e orgulho das nossas próprias riquezas naturais e artísticas através dos reflexos *internos* da propaganda *externa* e de iniciativas como o «Panorama», os programas da E. N. «Conheça a sua Terra», a publicação de várias brochuras, cartazes, mapas, etc., etc.

2 — Revitalização e valorização do nosso folclore, que aumentou consideràvelmente a riqueza turística do País, criando-lhe elementos de atracção até agora inexistentes, decadentes e desvirtuados.
3 — Amenização das nossas estradas, linhas férreas e entradas de fronteira, obra ainda no seu início, por dificuldade, morosidade e incompreensão burocrática; concurso das «Estações Floridas», «Tintas e Flores», sinalização pitoresca das estradas, postos fronteiriços, etc., etc.
4 — Manutenção de uma Agência de Turismo, até agora mal instalada, mas que tem fornecido, constantemente, informações e brochuras, e até itinerários especiais, para certos casos, a todos os nacionais e estrangeiros que a têm visitado.
5 — Ligação deficiente, mas que tem procurado ser útil e activa, com as Comissões e Juntas de Turismo — que teimam, às vezes, em desconhecer o organismo central que devia comandá-las e orientá-las.
6 — Elaboração do Estatuto do Turismo, a apresentar brevemente ao Governo com todos os ensinamentos da experiência de alguns anos — Estatuto que deve procurar, acima de tudo, coordenar, articular todas as actividades turísticas, subordinando-as a um espírito e comando únicos.
7 — Esforço para *afirmar*, elevando-lhe o nível, toda a publicidade turística do País, se bem que ainda se continue a lutar contra o amadorismo, contra os *habilidosos* que fazem letras *bonitas* e desenhos *muito bem feitos*...
8 — Criação das Brigadas Hoteleiras, cujo esforço muitos ignoram ou negam, e que conta já no seu activo, por meio de conselhos e pequenos auxílios, com a transformação e renovação de algumas dezenas de pensões e hotéis. Assistência técnica, através de fornecimento de ante-projectos de orientação decorativa, àquelas empresas não comerciais que se dirigem ao S. N. I. para a construção do pequeno hotel que falta na região ou para melhorar o existente.
9 — Arranjo e orientação das Pousadas, que além de resolverem o problema da hospedagem nas nossas principais estradas de turismo, têm constituído exemplos felizmente bastante seguidos e imitados, no desenvolvimento da nossa pequena indústria hoteleira e até no arranjo e decoração de certas casas particulares que adoptaram o *estilo Secretariado*, como se diz às vezes, com ironia desconsoladora.
10 — Constantes vistorias, pelas nossas Brigadas de Fiscalização, a centenas de hotéis e pensões, serviço feito, aliás de colaboração com aquelas Juntas e Comissões de Turismo que lhe compreenderam o alcance. Tem-se procurado, assim, através duma vigilância contínua, melhorar as nossas instalações hoteleiras, se bem que se continue a lutar, aqui e além, contra a rotina, contra o colchão de palha «*muito mais saudável*», contra a casa de banho que não toma banho, contra a almofada com o «gato preto» ou contra o laçarote na cintura da jarra. Em todo o caso, alguma coisa se tem conseguido, sobretudo não permitindo que subam de «classificação», ligada agora às tabelas de preços, os hotéis que não o mereçam.

CONTRA O PARECER DAQUELES CUJAS VILEGIATURAS NÃO PASSAM DA OUTRA BANDA

É esta, pois, a síntese das nossas actividades positivas, se bem que estes alinhamentos tenham sempre o defeito de deixar escapar o «imponderável», que se confunde muitas vezes com o «essencial». Permita-se-me, no entanto, que desequilibre a minha exposição fazendo algumas considerações à margem sobre os três últimos números desse resumo, aqueles que se referem precisamente à acção do S. N. I. no desenvolvimento da nossa indústria hoteleira.
Entre tantas incompreensões e injustiças de que somos alvo, não há, talvez, maior do que essa,

aquela que topamos, frequentemente, de que a indústria hoteleira não tem dado um passo, de que continuamos como há vinte anos. Os que tal afirmam, por velocidade adquirida, ou porque as suas vilegiaturas no País não passam da Outra Banda, ignoram ou preferem cómodamente ignorar o extraordinário desenvolvimento dessa indústria nos últimos dez anos. Em breve, numa exposição que tencionamos realizar, daremos as estatísticas, os dados concretos desta afirmação. Por hoje basta-me afirmar-lhes que muitas regiões antigamente consideradas inóspitas, sem uma cama no horizonte, estão hoje completamente servidas, algumas com hotéis quase luxuosos. Cito, para exemplo, a estrada Lisboa-Porto, onde existe apenas hoje dificuldade de escolha: Pousada de S. Martinho, Hotel do Facho, Hotel Bau, Pousada de St.° António, etc., etc. Porto e arredores, e o Minho, podem também orgulhar-se de novas e excelentes instalações hoteleiras: renovação parcial do Hotel do Porto, Hotel do Império, Hotel de Matosinhos, Escondidinho, Hotel de Famalicão, Hotel de Miramar, Ofir (obra notável e de grande futuro), Suave Mar, Grande Hotel de Caldelas, Pousada do Marão e, num plano mais modesto, a Pensão do Golfinho, em Leça; o arranjo do Hotel Silva, em Amarante, um pequeno hotel na Apúlia, etc.
Em construção ou em projecto, três obras importantes: o Hotel do Infante, no Porto, um grande hotel, em Guimarães e a remodelação do Hotel de Santa Luzia, em Viana do Castelo. Castelo Branco e Guarda, duas regiões donde se fugia por falta de alojamentos, têm hoje dois excelentes hotéis construídos pelas Comissões de Turismo locais e com o seu arranjo interno orientado pelo S. N. I. E também não devem ser esquecidos os novos hotéis de S. Pedro do Sul e da Curia, Hotel do Luso, e Miradouro do Buçaco; o novo hotel da Costa Nova, o hotel de Monfortinho, etc., etc.
O Sul não está ainda tão bem servido, mas já não é o deserto de há dez anos. Além das Pousadas de Santiago, de Santa Luzia e de S. Brás, podem citar-se o Oásis da Quinta das Torres, os dois hotéis da Praia da Rocha, o novo hotel de Faro. Em Évora também se está trabalhando, activamente, para a construção dum grande hotel que seja digno daquela cidade e perfeitamente enquadrado no seu ambiente. Mesmo em Lisboa, onde continua a faltar o grande Palace que consideramos indispensável, até para o «aquecimento social» da cidade, alguma coisa se tem feito (o Hotel do Império, o Hotel Vitória, o Hotel Flórida, etc.). No Estoril deve sublinhar-se o crescimento do Hotel Atlântico e o esforço de renovação do Monte Estoril Hotel. Santarém tem o Abidis. Na Ericeira também agora reabriu um pequeno mas luxuoso hotel. E até a abandonada Sintra, «La Belle au bois dormant» da nossa paisagem, principia a aprender a lição das Pousadas: Estalagem de Penaferrim, restauro do velho e romântico Hotel Lawrence, etc.; Seteais, por sua vez, prepara-se para se transformar num grande hotel residencial.

A BOA HOSPITALIDADE — ACTO INDISPENSÁVEL DA BOA EDUCAÇÃO

Esqueço muitos hotéis, muitas pensões, muitos esforços dignos também de serem sublinhados, mas os exemplos que citei são já bastantes, creio, «para que não seja possível voltar a dizer que continuamos a não ter hotéis, que tudo continua na mesma». A muito estrangeiro, que trazia prevenções a este respeito, temos já ouvido os maiores elogios à nossa rede hoteleira, que está longe de ser completa, pois continua a haver regiões — como a de Beja, Alto Alentejo, Alto Douro, Alto Minho, Trás-os-Montes — onde o turismo continua a ser uma difícil aventura, apesar das belezas naturais dessas regiões. Do que não temos culpa é que os nossos críticos só continuem a viajar nessas zonas onde ainda não houve tempo de chegar, onde os homens estão talvez mais adormecidos e não compreenderam ainda que a boa hospitalidade, seja qual for a importância da cidade ou da vila, é um acto indispensável da boa educação...
Não quero afirmar, evidentemente, que todos estes hotéis ou até a sua maioria, sejam obra directa ou indirecta do Secretariado Nacional da Informação. Apenas reivindicamos a parte que nos cabe desde que o turismo passou para o S. N. I., na formação do ambiente em que se construíram e a influência benéfica, decisiva, que as nossas Pousadas e Brigadas exerceram no arranjo da maior parte deles.

NECESSIDADE URGENTE DO ESTATUTO DE TURISMO

Apesar de tudo, apesar dos «rasgos», dos episódios da obra já realizada pelo S. N. I. e Juntas e Comissões de Turismo, falta ainda, repetimos, fazer muito; falta, como já se disse, o simples estabelecimento de um grande plano de turismo. A verdade, porém, é que este só é possível de traçar, com projecção e segurança, depois de elaborado e aprovado o Estatuto do Turismo, já em estudo adiantado, do qual sairão os decretos complementares indispensáveis à execução dos seus princípios. De momento, uma verdade é necessário sublinhar, que constitui a legítima defesa do nosso organismo em face de certos ataques: unidade de acção, pensamento único em matéria de turismo, até agora, só teria sido possível através de uma colaboração estreita entre o organismo central e os órgãos locais, efectivada no exame atento dos seus planos de orçamentos, se todos nos fossem enviados, dentro do prazo legal fixado pelo Código Administrativo, só invocado, com clamorosa dignidade, por algumas Câmaras Municipais, quando se trata de fugir à acção orientadora do S. N. I. [...]

É PRECISO NÃO CONFUNDIR POUSADAS COM MIRADOUROS

Ainda uma observação e sugestão: as Comissões, Juntas de Turismo, pedem-nos de quando em quando, como se nos pedissem uma simples brochura, a construção de uma pousada aqui, ali ou acolá. É evidente que gostaríamosde semear pousadas nos lugares onde ainda são necessárias, se bem que é preciso não confundir com miradouros. Mas a construção destas não faz parte do nosso orçamento, pois o seu lugar é no orçamento do Ministério das Obras Públicas. A nós compete-nos apenas o seu arranjo interior, organização e decoração. Devo dizer, porém, que nem todos os sítios pitorescos, mas pouco visitados, exigem «pousadas». Uma simples casa limpa, com dois ou três quartos e as indispensáveis instalações higiénicas, poderia servir esses lugares onde «lá vem um»... Para esse efeito encarregámos os serviços técnicos de elaborar dois projectos de «Casalinhos», que se poderiam construir, cada um com uma centena de contos, pouco maiores do que moinhos, espécie de abrigos, recantos que tornariam ainda mais característica a nossa paisagem e o nosso turismo. Nas estradas da América do Norte fez-se alguma coisa de semelhante, mas sem a graça nem o encanto dos nossos projectados «Casalinhos», que os próprios organismos de turismo, com o auxílio de algumas boas vontades locais, poderiam fàcilmente erguer.

O TURISMO PORTUGUÊS É, SOBRETUDO, PORTUGAL: — CLIMA, CÉU, PAISAGEM, MAR...

Gostaria agora de traçar as perspectivas do turismo nacional, o que falta fazer, as grandes linhas do seu futuro, a necessidade, por exemplo, da criação do crédito hoteleiro, (para o qual temos empregado inúteis esforços), a construção de escolas de hotelaria, a necessidade de fomentar o aparecimento de agências de excursões no país com bons «auto-cars», a fixação dos lugares onde ainda são necessários pousadas, grandes e pequenos hotéis, o enunciar de um vasto plano de propaganda internacional do nosso turismo, depois de garantir a hospedagem a todos os que nos visitam, o estudo do desenvolvimento das nossas estâncias termais, a colaboração estreita com os caminhos de ferro, agências de navegação marítima e aérea, o plano do turismo insular e imperial, etc. [...]

Mas muito já se tem feito. O turismo português é, sobretudo, Portugal, a matéria prima de Portugal: clima, céu, paisagem, mar. Tudo o mais será fácil, se compreendermos que nos devemos todos unir para o mesmo fim, se não nos esquecermos de que todo o Portugal, de Norte a Sul, está «em qualquer parte» do Portugal inteiro, em cada aldeia, em cada vila, em cada cidade, em cada um de nós!

14-12-1947.

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Resultados dum interessante e útil Concurso Folclórico

Terminado o Concurso Folclórico da Beira Baixa, a propósito do qual inserimos neste número um artigo ilustrado com instantâneos fotográficos e desenhos de Tom, foram distribuídos do seguinte modo pelo júri — constituído pelo Sr. António Ferro, como presidente, e os senhores: maestro Frederico de Freitas, Guilherme Felgueiras, capitão Afonso do Paço e o desenhador Paulo Ferreira — os respectivos prémios:

Canto: 1.º prémio (de 4.000$00), ao grupo folclórico de Souto da Casa. 2.º prémio (3.000$00), ao de Paúl.

Danças: 1.º prémio (de 4.000$00), ao grupo de Silvares; 2.º prémio (de 3.000$00), ao de Aranhas. Houve outros prémios, concedidos pela Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, pelo Grémio do Comércio de Castelo Branco, pela Câmara Municipal e Governo Civil da mesma cidade, e ainda pela Junta de Província da Beira Baixa, os quais se distribuiram pelos grupos folclóricos das seguintes localidades: Juncal, Mata, Louriçal do Campo, Sobral do Campo, Ninho de Açor, Póvoa de Rio de Moinhos e Cafêde.

Como se compreende, este Concurso destina-se a estimular o cultivo do reportório tìpicamente regional, que a tradição conservou, tanto nas canções como nas danças. Interessa ao património das nações detentoras de cultura própria, de evolução secular, que não se percam nem se abastardem os seus mais puros elementos, tanto folclóricos como etnográficos — elementos que também são inestimáveis valores turísticos. Mas, esses concursos não são suficientes, só por si, para se conseguir o objectivo em vista. Outras iniciativas se impõem a quem tem por missão oficial zelar pela conservação desses valores, e, ao mesmo tempo, acordar para eles a consciência e o interesse das populações.

Por isso mesmo se criaram, oportunamente, prémios destinados a estudos de história e etnografia...

O último Concurso das Monografias Regionais

...Assim, o S. N. I., no intuito de tornar melhor conhecidas as localidades do País que não têm sido devidamente estudadas, apesar dos seus predicados (históricos, arqueológicos ou turísticos), iniciou, há tempo, como se sabe, uma série de Concursos de Monografias Regionais, entre escritores da especialidade. Para esse efeito, dividiu o País em três zonas: Norte, Centro e Sul, promovendo, em anos sucessivos, os respectivos concursos. Posteriormente, foi realizado o referente às Ilhas Adjacentes, e, há pouco, outro, de que faziam parte as seguintes localidades: Braga, Castelo Branco, Covilhã, Espinho, Figueira da Foz, Guarda, Termas de S. Pedro do Sul, Viana do Castelo e Viseu.

Para a classificação das obras apresentadas a este certame, reuniu o júri nomeado para tal fim, e que foi formado pelos escritores Gustavo de Matos Sequeira, Luís Chaves e Alberto Pereira Leite, funcionário superior da Repartição de Turismo do S. N. I. Por unanimidade, atribuiu-se o primeiro prémio (de 3.000 escudos) à monografia intitulada «Figueira da Foz — Praia da Claridade», de António Figueira; o segundo (de 2.000 escudos), à monografia sobre «Viana do Castelo», do Dr. José Crespo, e o terceiro (de 1.000 escudos), ao trabalho que tem por título «Guarda», de Palmira Cândida dos Reis.

Os Serviços do Porto de Lisboa apreciados no Estrangeiro

O diário espanhol «Arriba» publicou, recentemente, uma crónica de Luís de La Barga, intitulada «Cada ano aumenta o tráfego marítimo no Porto de Lisboa», em que, depois da descrição do porto, se afirma:

«A guerra valorizou a foz do Tejo graças à neutralidade portuguesa, e esta preferência continua sendo desfrutada na paz. Cada ano aumenta o tráfego marítimo no Tejo. Em 1947 fundearam nas águas do rio imperial 2.230 navios, com uma tripulação de 88.023 pessoas. Quer dizer, 64 unidades mais do que durante o ano anterior».

Depois refere, especialmente, a importância do estuário do Tejo como centro da indústria piscatória, e a este respeito, diz:

«O volume adquirido ultimamente por esta actividade tornou insuficiente a instalação pesqueira do porto lisboeta. Disposto a resolver este problema, o Governo acaba de decidir a construção de um novo porto pesqueiro em Pedrouços. As obras custarão 92 milhões de escudos e ficarão concluídas dentro de quatro anos. No mesmo local construir-se-ão também os edifícios da Administração, Estação Marítima, e de uma Escola de Pesca. Deste modo o Governo português pretende valorizar o porto de Lisboa em toda a sua amplitude.»

Um grandioso Plano de Obras do Município de Lisboa

Em Dezembro do ano passado foram visitados pelos vereadores da Câmara Municipal de Lisboa e numerosos jornalistas, convidados pelo Presidente deste município, as mais importantes obras em curso na Capital, algumas das quais fazem parte do plano de melhoramentos a inaugurar no ano presente.

Além das *maquetes* e projectos de urbanização do Parque Eduardo VII, bem como do futuro viaduto da Avenida da República, os visitantes apreciaram os trabalhos, já muito adiantados, do novo bairro do Caramão da Ajuda e, depois, na Serra de Monsanto, as obras de construção do «Club de Ténis de Lisboa», as quais compreendem, além da sede: um restaurante, um «bar», um salão de reuniões, outro de jogos, um amplo terraço, três «courts» para treinos e um para campeonatos. No mesmo local há ainda espaço para a construção de mais quatro «courts», uma piscina, campo para «voleibol» e outros desportos.

Supomos inútil sublinhar, para que se torne evidente, a importância destas realizações, tanto no ponto de vista urbanístico como económico, e quanto elas contribuirão para que Lisboa se nivele às mais atraentes Capitais europeias.

«Panorama» regista

★ A recente publicação do decreto-lei que actualiza, como segue, a classificação das praias do Continente: 1.ª ordem — Ofir (Fão), Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Castelo do Queijo, Foz do Douro, Granja, Espinho, Figueira da Foz, Cascais, Estoris (excepto S. Pedro), Praia da Rocha e Monte Gordo. 2.ª ordem — Moledo, Ancora, Leça da Palmeira, Matozinhos, Miramar, Buarcos, Nazaré, S. Martinho do Porto, Ericeira, Praia das Maçãs, S. Pedro do Estoril, Parede, Carcavelos, Santo Amaro de Oeiras, Paço de Arcos, Cruz Quebrada, Trafaria, Costa da Caparica, Setúbal, Sines e Albufeira. 3.ª ordem — Todas as outras.

★ O facto de estar incluída nas 122 obras a realizar no distrito de Portalegre, pelo plano bienal do Ministério das Obras Públicas, a instalação da *Pousada de Santa Maria*, em Marvão.

★ A existência de dois novos e civilizados hotéis no nosso país, a que faremos, oportunamente, mais larga referência: o «Hotel da Ericeira», e o «Porto-Mar», em Matozinhos.

Ford Lusitana - Rua Castilho, 149 - LISBOA

E SEUS CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

MALA-POSTA 1948

(Continuação)

Algumas têm apenas as portadas de madeira, sem vestígios de caixilhos. Nem sequer a sugestão — ou aspiração — dum futuro melhor. Parece uma terra morta. Procuro os habitantes. Mulheres, não se vêem. Estarão emparedadas, segundo o velho costume mouro?... Mas os homens surgem, em bandos, no largo onde fazemos paragem. É neles que vejo a marca de opulência da região. Bem alimentados, bem vestidos, bem calçados. Têm uma expressão colectiva que não consigo definir. Talvez mais de indiferença do que de satisfação e, no entanto, eu deduzo que eles estão satisfeitos, têm tudo quanto desejam. Entro a beber um refresco numa espécie de café, compro pílulas na farmácia, espreito a mercearia, a loja de fazendas... Não há uma montra que atraia, objectos que alegrem a vista, um reclame que fale à nossa imaginação; tudo aquilo que é essencial à vida, existe ali, e a granel. Mas o supérfluo? Esse supérfluo que dá à vida as suas tonalidades e a torna digna de ser vivida, onde está ele?

As casas do norte são, sem dúvida, mais pobres; todavia, a mim não me deixam a mesma impressão de desolação: Aquele craveiro, que surge duma panela furada à beira duma varanda em ruínas, sugere-nos o jardim suspenso que o dono tem na sua imaginação; naquela videira torcida que do quinteiro sujo tenta em vão chegar à luz, há uma aspiração de qualquer coisa mais alta, que paira sem que ninguém saiba o que é. Aqui, mais nada senão a monotonia em branco.

Mas as povoações não se sucedem tão depressa na realidade, como no papel. Entre cada uma delas estende-se a planície imensa. As searas parecem não ter fim. Não se vê viv'alma. Não há um regato, um portão de quinta, um cão que ladre, uma árvore em flor. Nada. Só o infindável manto verde dos trigais encharcados de sol.

«Alentejo não tem sombra
Senão a que vem do céu...»

Quantas horas durará a travessia?

A estrada está má e a camioneta zig-zagueia de valeta a valeta, como que embriagada. Vamos a menos de 20 km.; mesmo assim caímos em buracos, e receio ir passar a noite à valeta. Espero do motorista uma interjeição em português vernáculo. Mas nada. Em toda a excursão não ouço uma frase, uma palavra, sequer, de impaciência — nem dos condutores, nem dos passageiros, nem daqueles que ficam em terra por falta de lugar, nem mesmo dos outros que, já alojados clandestinamente, recebem ordem de sair.

Todos obedecem em silêncio, calmos, sem um murmúrio; por vezes, até, com um sorriso bonacheirão. Admira-me a passividade com que eles vêem passar a camioneta cheia, sem parar. — «Àmanhã...». E acenam adeus. «Que haviam de fazer?» — diz-nos o condutor.

Povo bom e paciente! O atraso é cada vez maior, mas só eu me torso e consulto o horário. Os outros comem, bebem, conversam. — «Quando chegarmos, logo se vê». O horário é uma coisa convencional. É ele que nos enerva. Que importa chegar antes do pôr do Sol, ou ao romper do luar? Para nós a viagem é um traço de união que liga dois trabalhos, ou duas distrações; para eles é a própria distração. Não há pretérito nem futuro; simplesmente, está-se ali... O povo é filósofo e a sua medida do tempo é a eternidade. Sem querer, vejo este mesmo povo bom e pacífico, sentado à secretária duma repartição pública, enrolando cigarros e contando a última piada política, enquanto o público se acotovela do lado de fora do guichê. Não se pode ter sol na eira, e chuva no nabal.

O meu espírito já vai longe, mas uma voz, vinda do lado de traz, chama-me de novo à camioneta: — «Quem quiser ouvir música, paga 10 tostões». «E quem não pagar?» — «Quem não pagar, tapa os ouvidos, porque não tem direito de ouvir». Hilariedade. — «Venha a música!». E a música vem, num fado dolente e triste. O Sr. Piedade é sentimental: comove-se e canta, compenetrado, os olhos em alvo, quase a sair das órbitas. A seguir vem um tango. A concertina geme-o, enquanto o Sr. Piedade dança, no corredor, todo ele em requebros. Depois um corridinho vivo e puladinho, e o condutor salta, sapateia, rege a música, abre os braços, imita instrumentos de sôpro. Desaparecem os buracos da estrada, as planícies sem fim, os rebanhos assustados que viram à ré, ao ouvir o ruído do motor. Só há, agora, esta realidade objectiva: o louletano que toca harmónio e o Sr. Piedade que marca o compasso.

(Continua)

MALA-POSTA 1948

(Conclusão)

A tarde vai caindo. Subimos a serra do Caldeirão e os vales, lá em baixo, ficam na sombra. As figueiras erguem-se do chão como candelabros de mil braços brotando vida. O ar é fino e leve. As povoações sucedem-se com menores intervalos: Ameixial, Barrancos, Alportel. Aproxima-se o final da jornada. Numa volta da estrada surge a Pousada de S. Braz, lá no alto. Apeamo-nos, e a camioneta segue. Sinto pena ao vê-la partir. Qualquer coisa de mim vai com ela.

Anoiteceu e está frio pelo caminho da serra, mas, ao transpor a porta da Pousada, julgo entrar no Paraíso. (E não foi a Eva que me cá trouxe?)...

Um tronco de azinheira arde na lareira; o banho espera-me; o jantar está pronto. Há roupas frescas, calma, silêncio — tudo quanto o viajante cansado pode desejar. Mas há mais: — há o Sr. Pacheco, o hospedeiro-nato, que não se cria por decreto, que se levanta para dar de comer ao viandante, que passa a deshoras, que lhe dá a sua própria cama quando outra não tem, e que adivinha que nós queremos a mesa junto à lareira e uma borracha quente na cama.

MARIA ELVIRA DA CRUZ MONTEIRO

POLÍTICA DE TURISMO

Sob este título, publicou o *Diário da Manhã* um editorial destinado a comentar o discurso do Secretário Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, Sr. António Ferro, — que reproduzimos, quase na íntegra, no *Boletim* do presente número. Dele extraímos os seguintes passos:

«... Não nos parece difícil reconhecer que a situação se modificou profundamente nos últimos anos, que existe uma política de turismo, e caminhamos para o estabelecimento de um verdadeiro plano de turismo. Quem quer que se desloque por esse País — mesmo que não tenha lido as brochuras de propaganda, mesmo que não tenha tido o cuidado de ligar o seu rádio-receptor aos discursos e palestras que poderiam orientá-lo sobre o assunto — tem de reconhecer, um pouco por toda a parte, os efeitos dessa política de turismo que, ao contrário do que acontecia, foi definida e é praticada.

«O turismo nacional obedece hoje a princípios orientadores modernos e dinâmicos, que não são meras teorias importadas, mas verdades em perfeita relação com a realidade nacional.

«Não se empreenderam obras — nem se aconselharam, nem se permitiram — que excedessem a nossa capacidade de realização, que não coubessem dentro das nossas possibilidades de utilizá-las, que tivessem como objectivo suplantar, ou mesmo igualar o que se faz em países de características diferentes do nosso. Houve sempre a preocupação de fazer *turismo nacional*, *turismo português, turismo para portugueses*.

«Já não é possível chegar a qualquer estância de repouso ou praia, a qualquer cidade ou vila que tenha à sua guarda um monumento ou uma curiosidade de valor histórico, ou esteja enquadrada em região de notável beleza panorâmica, sem notar um benefício, que nem sempre é de grande vulto, mas que equivale a uma assinatura dos Serviços de Turismo — uma pequena nota de bom-gosto a dizer que já por ali passou o interesse oficial.

«Deve reconhecer-se quanto isto representa de trabalho constante, de espírito de *presença*, de sentido prático de uma obra que, mais do que nenhuma outra, se move por ideais.

«Mas as grandes realizações não faltam.

«As *Pousadas*, que já hoje se erguem nalguns dos pontos mais pitorescos das nossas principais estradas, e que tão profunda e agradàvelmente têm impressionado estrangeiros ilustres de passagem pelo nosso país, (recentemente, um jornalista Suiço notava-as pelo seu encanto português, pela sua originalidade), são, talvez, o sinal mais alto — por certo o mais visível — da obra levada a cabo, com muito trabalho e bom-gosto, pelo Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo.»